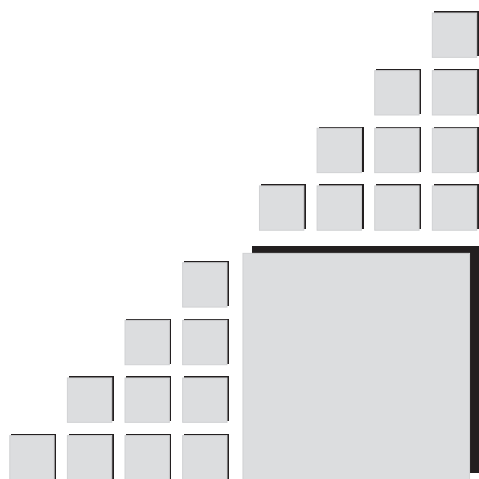


GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
SECRETARIA DE ESTADO DE ECONOMIA E PLANEJAMENTO - SEP
INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES - IJSN

PANORAMA ECONÔMICO

Espírito Santo III Trimestre 2009



NOVEMBRO 2009

Sumário Executivo

Passado mais de um ano desde a quebra do banco *Lehman Brothers*, é possível notar nítidas diferenças no cenário econômico internacional. Em primeiro lugar, a economia mundial parece estar se recuperando da recessão iniciada no terceiro trimestre de 2008 mais cedo e em um ritmo mais rápido do que inicialmente previsto. Em segundo lugar, desde o início da crise, pode-se observar que a economia global situa-se no curso de uma retomada do crescimento, após uma série de medidas governamentais destinadas a amortecer os impactos adversos iniciais da crise.

De acordo com estimativas do Fundo Monetário Internacional (FMI), divulgadas no documento *World Economic Outlook* do mês de outubro, a economia global, após contração de -6,5% no primeiro trimestre de 2009, registrou crescimento de +3% no segundo trimestre. Dados preliminares do terceiro trimestre sugerem que o PIB mundial continuou a se expandir, sendo muito provável que essa recuperação apresente um padrão sustentável ao longo dos próximos trimestres. A tendência mundial para o ano de 2009, de acordo com o FMI, é de uma contração na economia mundial de cerca de -1,1%, seguida de um crescimento de +3,1% no ano de 2010.

Esse processo de retomada tem sido liderado principalmente pelas economias emergentes, com destaque para os países asiáticos, sobretudo China e Índia. A China, que no terceiro trimestre de 2009 cresceu +8,9%, ante +7,9% no segundo, é apontada como futura segunda maior potência econômica do mundo, superando o Japão, ainda no ano de 2010. A estimativa de crescimento para esse país no ano de 2009 é de cerca de +8,5%, um resultado decorrente da política econômica do governo chinês, de forte ampliação do gasto público, especialmente em investimentos e de expansão do crédito, o que impediu que o processo de crescimento chinês sofresse uma grande contração no período de crise. Adicionalmente, deve-se destacar o papel exercido pela demanda doméstica chinesa, que se expandiu ao longo desse período, gerando um impacto positivo sobre as importações e influenciando favoravelmente os países exportadores de equipamentos e *commodities* da Ásia e da América do Sul. Neste terceiro trimestre, os resultados da economia chinesa ressaltam que essa economia retornou aos níveis em que se encontrava no período pré-crise, devido ao alto grau de concentração do investimento doméstico nos setores de construção civil e infraestrutura, áreas fundamentais ao crescimento econômico de longo prazo.

A Índia, por sua vez, deverá crescer +5,4% neste ano, principalmente por conta da continuação das reformas em seu sistema econômico, iniciadas desde a década de 90, e que colocaram o país nesse ritmo de crescimento. Se, por um lado, China e Índia parecem resistir aos impactos adversos da crise, a conjuntura econômica internacional não foi tão favorável a outros países, como Japão e Rússia, por exemplo.

A atividade econômica no Japão registrou, no terceiro trimestre de 2009, um crescimento de +4,8%. Na verdade, este resultado constitui um alento para a economia japonesa, uma das grandes vítimas da crise global, pois representa a segunda expansão consecutiva do PIB desse país, após um período recessivo de um ano, aproximadamente. No momento, o futuro da economia japonesa ainda permanece incerto, devido à deflação quase endêmica que se soma à fragilidade do mercado de trabalho, abalado pela crise. A Rússia, por exemplo, apresentou uma contração de -8,9% em seu produto no terceiro trimestre de 2009, quando comparada com o mesmo período do ano anterior; embora, em comparação com o trimestre imediatamente anterior, tenha apresentado um crescimento de +13,9%, devido à retomada mundial do preço das *commodities*, em especial do barril de petróleo (+16,18%).

A região da União Europeia saiu tecnicamente do período de recessão econômica neste terceiro trimestre de 2009, com uma taxa de crescimento de +0,4%, na comparação com o segundo trimestre. O crescimento econômico dessa região, quando comparado ao do mesmo período do ano anterior, mostra uma contração de -4,3% da economia. Todos os países do bloco apresentaram contração em seus PIBs, sendo que o Reino Unido registrou uma queda de -5,2%; a Alemanha, de -4,8%; e a Espanha, de -4%. Contudo, vale ressaltar que as perspectivas para esses países são promissoras, uma vez que o índice de confiança dos consumidores e empresários europeus é o maior registrado desde setembro de 2008.

A economia americana provavelmente deve ter alcançado o ponto mais baixo da recessão no segundo trimestre de 2009 e é esperado que, a partir deste semestre, ocorra uma reversão nessa trajetória de queda. Tratando-se da maior economia importadora de bens e serviços do mundo, a recuperação dos Estados Unidos é de grande importância para a sustentabilidade do crescimento global. A combinação de uma política monetária acomodatória e uma política fiscal expansionista possibilitou o retorno do crescimento econômico no terceiro trimestre de 2009. Embora o resultado desse período equivalha a uma elevação de +3,5% no PIB, a economia americana ainda apresenta-se muito frágil, segundo a opinião de alguns economistas. De acordo com Nouriel Roubini, os indicadores oficiais de Produto Interno Bruto (PIB) podem acabar superestimando grosseiramente o crescimento econômico, uma vez que não capturam sentimentos negativos que prevalecem na sociedade.¹ Por exemplo, a taxa de desemprego oficial nesse país está atualmente em torno de 10,2%; entretanto, esse número salta para 17,5%, quando são incluídos nesse cálculo

¹ Informações obtidas a partir do *website RGE Monitor*. Disponível em: <http://www.rgemonitor.com/>.

trabalhadores que perderam o ânimo de procurar emprego e os trabalhadores de meio-período. Paul Krugman, ganhador do Prêmio Nobel de Economia de 2008, também tem apresentado opiniões céticas a respeito de uma recuperação definitiva da economia americana. Segundo esse economista, apesar de o pacote governamental de incentivos ter surtido um efeito parcial, ainda há muito a ser feito em termos de geração de níveis de renda condizentes com prosperidade propriamente dita.²

A taxa de poupança das famílias americanas respondeu à perda patrimonial ocorrida nesse país, atingindo o nível mais elevado dos últimos cinco anos, o que reduziu o impulso ao consumo, mesmo quando se considera todos os estímulos governamentais concedidos nos últimos meses. Vale ressaltar que o sistema financeiro americano ainda se encontra fragilizado e, portanto, com capacidade limitada de alavancar crédito. Por conta disso, esse sistema apresenta-se efetivamente restrito aos agentes econômicos que possuem históricos favoráveis, apenas. A pronunciada desvalorização do dólar no período recente, de cerca de -25,6% (dados até outubro de 2009), reflete a conjuntura econômica recente desse país, equivalendo, em última instância, a um movimento de correção necessária ao equilíbrio de suas contas externas. Entretanto, esse é um movimento que torna o país mais competitivo, uma vez que barateia suas exportações em relação a seus parceiros comerciais.

Em meio a esse contexto, a região da América Latina apresenta uma situação dual. Por um lado, países latinos como Brasil, Chile, Colômbia, Peru e Argentina, que possuem uma economia baseada em exportações, registraram sinais de forte recuperação econômica ao longo do terceiro trimestre, principalmente por conta da retomada mundial do preço das *commodities*. Por outro, países que apresentam estreitas relações com a economia americana, devido à moderada recuperação desta, vêm apresentando um ritmo de recuperação mais lento. O México, por exemplo, apesar de ser um exportador de *commodities*, enquadra-se no grupo de países que provavelmente terão uma recuperação mais lenta, por conta de seu forte vínculo com a economia americana. Também nesta última situação enquadram-se os países que dependem do turismo para sustentar suas economias, conforme é o caso de países do Caribe, por exemplo.

Segundo o *website RGE Monitor*, a recuperação econômica da América Latina deve se estabilizar a partir do segundo semestre de 2009, por conta da política anticíclica de estímulos fiscais e monetários concedidos pelos governos dos países desse bloco, que acabou sendo responsável por gerar um aumento da confiança local, aliviando as pressões decorrentes da crise, especialmente sobre o mercado de trabalho. Entretanto, o equilíbrio das contas fiscais continuará a ser um dos maiores desafios para os países latino-americanos, assim como foi em 2009. Vale notar que, segundo o *site* supracitado, o Brasil possui um papel de destaque em meio ao processo de recuperação da região.

² KRUGMAN, P. *Some call it recovery*. Disponível em: <http://krugman.blogs.nytimes.com/2009/08/22/some-call-it-recovery/>.

Uma das principais preocupações dos especialistas, no momento, se relaciona ao fim dos estímulos governamentais (monetários e fiscais) das economias e a provável instabilidade cambial daí decorrente, principalmente no caso dos países emergentes, que têm recebido grande volume de capitais nos últimos meses. Nesse sentido, recomenda-se que os estímulos governamentais sejam retirados de maneira gradual para não ocasionar um intenso processo de contração econômica. Em particular, a instabilidade no câmbio pode levar a uma crise de fortes dimensões caso ocorra uma rápida retirada do capital investido nesses países. Este último ponto constitui o motivo básico que levou o governo brasileiro a impor recentemente uma taxa de 2% sobre o capital que tem ingressado no País e que possa ter perfil especulativo.

De fato, o Brasil é um dos países que tem puxado a retomada da economia global, saindo do período de turbulência mais fortalecido como potência mundial. A política desenvolvida ao longo dos últimos anos, de austeridade fiscal e estabilidade monetária e financeira, proporcionou uma expressiva redução da vulnerabilidade externa do país, permitindo assim a adoção de medidas contracíclicas de política econômica que pudessem sustentar a demanda em níveis relativamente elevados, não obstante a forte queda do investimento, em meio a um cenário externo bastante adverso.

Em edição recente, a revista *The Economist* ressaltou que o Brasil poderá se tornar uma das cinco maiores economias do mundo até o ano de 2050 caso a estabilidade política e econômica do País seja mantida. Segundo essa publicação, o País nunca esteve antes em uma situação tão favorável, na qual convivessem democracia, inflação controlada e crescimento econômico. A revista ainda destaca que, por esses motivos, o Brasil foi um dos últimos países do mundo a ser afetado pela crise econômica mundial, sendo também um dos primeiros a sair da recessão.

As estimativas da evolução econômica do Brasil no terceiro trimestre de 2009 confirmam esta tendência e preveem crescimento de +2% em relação ao trimestre anterior. Já para o ano de 2009 como um todo, a estimativa da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) é uma taxa nula de crescimento para o País neste ano, seguida de uma elevação de +4,8%, em 2010. Vale ressaltar que estimativas iniciais do Banco Central brasileiro, divulgadas desde o primeiro trimestre do ano, apontavam para uma volta do crescimento apenas no último trimestre de 2009. Contrariamente a essa previsão, a economia brasileira já vem apresentando taxas de crescimento positivas do PIB desde o segundo trimestre do ano, com o mesmo ocorrendo no caso da produção industrial, o que pode ser visto como um aspecto otimista em termos da recuperação econômica que vem ocorrendo no País (ver seção de Expectativas do *Panorama*). Essa consolidação da expansão do nível de atividade nacional está ocorrendo com os investimentos avançando em um ritmo mais rápido do que o consumo, o que provavelmente significa uma retomada sustentável do crescimento na economia.

A trajetória da balança comercial brasileira ao final deste trimestre revelou uma tendência ascendente das exportações e importações, o que resultou em uma compressão do saldo comercial no período. A participação das exportações sobre o total produzido no País apresentou um recuo no terceiro trimestre em comparação com o trimestre anterior, registrando valor de 21,3%. Já o coeficiente de penetração dos produtos importados subiu para 19%, principalmente devido a aquisições externas de matérias-primas e bens intermediários, cuja produção doméstica vem sendo sistematicamente desestimulada. A principal explicação para este resultado é a valorização do real frente ao dólar, o que fortaleceu a competitividade dos produtos importados em um momento de recuperação do consumo, ao mesmo tempo em que reduziu a competitividade dos produtos brasileiros no exterior.

No terceiro trimestre do ano, a indústria brasileira registrou aumento de +4,1% frente ao trimestre imediatamente anterior, descontados os efeitos sazonais. Já em comparação com o ano de 2008, ocorreu um recuo de -8,3%, o que demonstra que ainda levará um tempo até que a indústria possa apresentar uma volta aos níveis em que se encontrava no período anterior à crise. Em particular, a recuperação registrada na indústria tem sido forte, porém não suficiente para compensar a queda de aproximadamente -20% da produção, ocorrida entre outubro e dezembro do ano passado, principalmente devido ao comportamento dos bens intermediários, que vêm crescendo a taxas moderadas, em razão do avanço dos produtos importados na economia brasileira.

O comportamento do mercado de trabalho formal foi uma das grandes surpresas da reação brasileira frente à crise financeira internacional. O saldo líquido entre admissões e demissões acumulado no ano de 2009, no período de janeiro a outubro, superou o montante de um milhão de empregos gerados. Apesar desse número representar o pior saldo acumulado no período desde 2003, o segundo semestre deste ano mostra o início de um novo ciclo. Entre os meses de agosto e outubro deste ano, a abertura de novas vagas superou em mais de 200 mil o número de demissões.

A política fiscal anticíclica adotada pelo governo federal desde o desencadeamento da crise mundial provocou uma redução de R\$ 65 bilhões no superávit primário previsto para o ano de 2009, sendo que, desse total, 90% decorreu do aumento de gastos governamentais. Somente a desoneração de impostos neste ano foi de R\$ 25 bilhões, o que correspondeu a uma tentativa do governo de estimular o consumo e o investimento em um período de recessão. As principais medidas adotadas foram a redução do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), a ampliação de programas de construção e financiamento habitacional (como o Programa “*Minha Casa, Minha Vida*”, por exemplo) e a manutenção do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC).

Nesse ínterim, o comércio varejista nacional registrou crescimento de +5,3% no terceiro trimestre, em relação ao mesmo período do ano anterior, mantendo a tendência de crescimento apresentada nos outros trimestres de 2009. No trimestre analisado, o resultado positivo deve-se, em grande medida, à corrida dos consumidores para aproveitar o último período de isenção do Imposto sobre

Produtos Industrializados (IPI) para aquisição de bens duráveis, como veículos e eletrodomésticos, por exemplo. Em termos gerais, o aumento do poder aquisitivo da população, decorrente do crescimento da massa de rendimento real dos trabalhadores ocupados, propiciou esta expansão continuada do consumo no País.

Após sofrer uma forte retração econômica no primeiro semestre de 2009 (queda de -9,6% do PIB, de acordo com estimativas trimestrais do IJSN), o estado do Espírito Santo passou a apresentar, a partir do terceiro trimestre, sinais de retomada do crescimento, principalmente por conta da recuperação da indústria local e da expansão dos grandes projetos de investimento no Estado. Um dos principais motivos da contração econômica sofrida pelo Estado equivale a sua elevada "taxa de internacionalização", ou seja, ao elevado grau de abertura ao comércio exterior que o Espírito Santo apresenta.

Devido a esse alto grau de exposição ao setor externo, a economia espírito-santense apresenta um padrão marcadamente distinto em termos de nível de atividade, quando comparada às das demais Unidades da Federação. Nesse sentido, vale destacar a divulgação recente de estimativas de PIB trimestral para o Estado, fruto de uma parceria conjunta entre o IJSN e o Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade (IETS).³ Resultados relacionados a esse indicador demonstram que, apesar do Estado ter apresentado taxas negativas de crescimento no primeiro trimestre de 2009 (comparação entre trimestres consecutivos), ocorreu, no segundo trimestre, uma reversão dessa tendência contracionista, com o Estado registrando crescimento de +3%, em relação ao primeiro trimestre do ano.

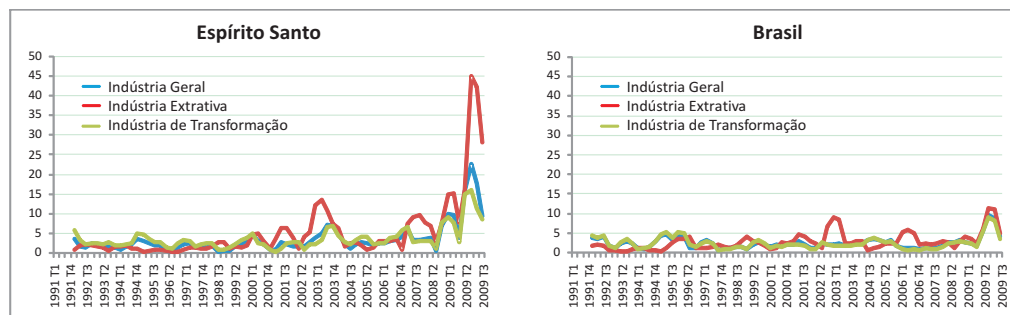
Uma tentativa de verificar empiricamente a maior volatilidade relativa da economia estadual equivale ao Gráfico 1 a seguir, que contém a evolução temporal de uma medida de volatilidade (desvio-padrão) dos índices de produção física industrial para as indústrias Geral, Extrativa e de Transformação, tanto no caso do Espírito Santo (gráfico à esquerda) quanto no caso do Brasil (gráfico à direita), ao longo do período compreendido entre o primeiro trimestre de 1991 e o primeiro trimestre de 2009.⁴ No caso, valores mais altos do desvio-padrão equivalem a um aumento da volatilidade dos índices considerados, enquanto valores mais baixos equivalem ao caso contrário. As escalas de ambos os gráficos foram padronizadas com o intuito de facilitar a comparação dos resultados.⁵

³ BONELLI, Regis; BASTOS, Estêvão K.X.; ABREU, Patricia C.A. *Metodologia e sistema de cálculo do indicador do Produto Interno Bruto (PIB) em bases trimestrais para o estado do Espírito Santo*. Texto para Discussão n.07, IJSN, set.2009, 47p.

⁴ Basicamente, os gráficos abaixo foram construídos a partir do cálculo de medidas de desvio-padrão com janelas móveis de quatro trimestres, o que permite analisar a trajetória dessas estatísticas ao longo do tempo para os casos nacional e estadual.

⁵ Vale ressaltar que os resultados reportados abaixo são robustos a distintas transformações estacionárias dos dados.

Gráfico 1 - Volatilidade das Séries de Produção Industrial – Brasil e Espírito Santo



Fonte: IBGE.

Elaboração: IJSN – Coordenação de Estudos Econômicos.

Os resultados obtidos demonstram que, especialmente a partir da mudança do regime cambial, o estado do Espírito Santo apresentou uma volatilidade nitidamente superior àquela reportada para o País, o que pode ser evidenciado a partir dos maiores valores reportados para o desvio-padrão das séries estaduais. Em particular, durante o período de eclosão da crise internacional no País, pode-se notar que, embora tenha havido um aumento da volatilidade na indústria brasileira, com os setores industriais nacionais considerados atingindo valores de desvios-padrão próximos a 10%, esse aumento foi consideravelmente superior no caso estadual, com esses mesmos setores atingindo valores entre 15 e 45% ao longo do mesmo período. Especificamente, a indústria extrativa estadual apresentou o maior aumento em termos de volatilidade nesse período, atingindo uma magnitude de 45% no início do ano de 2009. Por outro lado, vale ressaltar que a volatilidade, tanto no caso estadual quanto nacional, vem diminuindo nos dois últimos trimestres, embora o Espírito Santo continue apresentando magnitudes superiores em relação ao caso nacional.

De fato, uma constatação empírica que pode ser obtida a partir das estimativas de PIB trimestral supracitadas, assim como de índices de produção industrial é que a economia espírito-santense é nitidamente mais volátil do que a brasileira. Um estudo recente da Rede de Estudos Macroeconômicos (MACRO) do IJSN tentou quantificar essa diferença relativa de volatilidade, com os resultados obtidos demonstrando que o Espírito Santo apresenta oscilações em suas atividades, que são, em média, cerca de duas vezes mais voláteis do que as oscilações ocorridas no Brasil.⁶

Apesar da recente valorização do real perante o dólar, a economia estadual vem apresentando um bom desempenho em termos de comércio exterior. Tanto a corrente de comércio (exportações mais importações) quanto o saldo da balança comercial (exportações menos importações) apresentaram uma evolução positiva do segundo para o terceiro trimestres do ano, com aumentos de +59% e +19%, respectivamente. A China tem assumido um papel de maior destaque no período recente, como principal parceiro comercial do Espírito Santo no momento. Os Estados Unidos, por outro lado, vem recuperando sua participação nas exportações estaduais, embora esse país ainda esteja abaixo da China em termos de valores totais exportados.

⁶ MAGALHÃES, M.A.; RIBEIRO, A.P.L. *Ciclos de negócios no Espírito Santo*. Texto para Discussão n.09, IJSN, nov.2009, 37p.

Esses bons resultados em termos de comércio exterior acabaram impactando positivamente sobre o cenário estadual interno. A produção industrial do Estado vem apresentando um dos melhores desempenhos do País: no terceiro trimestre de 2009, o índice de produção industrial do Espírito Santo registrou um aumento de +13,4% em relação ao segundo trimestre, fazendo com que o Estado registrasse a maior expansão dentre as Unidades da Federação. Esse resultado pode ser estendido aos distintos setores da indústria (Geral, Extrativa e Transformação), que vêm apresentando taxas de crescimento nitidamente superiores ao caso nacional. Apesar do nível de utilização da capacidade instalada (NUCI) do Estado ter apresentado uma queda pronunciada durante o primeiro trimestre do ano, esse indicador já vem apresentando sinais de nítida recuperação desde o segundo trimestre, o que sinaliza na direção de um padrão robusto de retomada do nível de atividade ainda no curto prazo.

Contudo, o emprego industrial não respondeu ao processo de recuperação da produção na mesma velocidade, um resultado esperado, dado o caráter defasado do mercado de trabalho em sua resposta a variações no nível de atividade. Os indicadores de emprego na indústria estadual (pessoal ocupado e horas pagas) ainda apresentam padrões nitidamente contracionistas na comparação intertrimestral. Entretanto, quando da comparação do Estado com o País, é possível notar que o padrão verificado na indústria local está alinhado com o padrão verificado na indústria nacional, o que indica que o emprego na indústria como um todo ainda não respondeu plenamente à recuperação da demanda industrial.

Em relação ao mercado de trabalho formal, o Espírito Santo vem registrando um bom desempenho: em outubro de 2009, o Estado registrou saldo recorde na geração de empregos, com a criação de +6.286 novos postos de trabalho com carteira assinada, um resultado equivalente a um aumento cinco vezes superior ao saldo registrado em outubro de 2008, data do início da crise no País. Esse bom resultado foi derivado principalmente do desempenho de setores específicos da economia local, tais como Comércio, Serviços, Indústria de Transformação e Construção Civil.

Por conta dos resultados relacionados à produção e ao emprego industriais, o Estado tem registrado resultados bastante otimistas em termos de produtividade industrial: na comparação entre o segundo e o terceiro trimestre do ano, o Espírito Santo apresentou um aumento de produtividade equivalente a quase cinco vezes o aumento registrado para o Brasil ao longo do mesmo período. Uma implicação básica desse aumento de produtividade diz respeito à redução dos custos unitários do trabalho (CUT), o que tende a baratear a contratação de mão-de-obra no curto prazo, reforçando o círculo virtuoso gerado pelo aumento da produção inicialmente.

Nota-se também uma reversão na tendência das vendas do comércio varejista estadual ao longo do terceiro trimestre, um possível reflexo da volta da confiança, melhora na renda e acomodação dos preços domésticos. As vendas de hiper e supermercados tem apresentado uma nítida tendência de alta no último trimestre, com o mesmo padrão sendo verificado no caso das vendas

de veículos, motos e peças, assim como no caso de materiais de construção. Adicionalmente, verificou-se um aumento no grau de confiança dos agentes em relação aos rumos da economia. Nesse sentido, vale ressaltar a nítida tendência de alta dos índices de expectativas empresariais, o que pode ser visto como um possível sinal de aceleração do crescimento no futuro, dado o papel extremamente relevante do investimento agregado na geração de empregos e oportunidades a médio e a longo prazos.

Em termos de finanças estaduais, a arrecadação estadual no terceiro trimestre de 2009 sofreu uma contração de -8,9% em comparação com o mesmo período do ano anterior. Esta queda foi proporcionada principalmente pela redução do montante recebido de *royalties* (-30,5%), do Fundo de Participação dos Estados (FPE) (-19,3%) e do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) (-4,2%). Entretanto, vale a ressalva de que esses resultados negativos apresentados pelo Estado, quando comparados com os de outras Unidades da Federação são tidos como suave, pois o ICMS apresentou um recuo médio no Brasil de -10%, aproximadamente.

O cenário externo vigente, caracterizado por uma forte retomada da demanda chinesa e a evolução do preço das *commodities* vem favorecendo as grandes empresas estaduais. Nesse sentido, a Vale registrou, no terceiro trimestre de 2009, um recorde histórico no embarque de minério de ferro e pelotas (*pellets*), somando um total de 75,1 milhões de toneladas métricas e destinando cerca de 32% dessa produção para o mercado chinês. Por sua vez, a Fibria, empresa resultante da união da Aracruz Celulose com a Votorantim Celulose e Papel, registrou, no terceiro trimestre deste ano, uma produção de 1,428 milhões de toneladas de celulose, o que representa um volume 7% maior que o do trimestre anterior e 30% maior que o do terceiro trimestre de 2008. Estes números são sinais de uma expressiva mudança na tendência de mercado para esse bem, sendo cerca de 90% da produção destinada ao mercado externo, tendo a Ásia como o principal destino da celulose. Recentemente, a ArcelorMittal anunciou que está estudando a viabilidade de implantação de uma nova usina de aço no Brasil, dadas as atuais perspectivas de forte expansão da demanda por esse bem no País. Este investimento poderá ocorrer em parceria com a Vale, que procura uma empresa para operar a siderúrgica a ser implantada na região de Anchieta. Além disso, após registrar um aumento na demanda, as empresas do grupo estão retomando a capacidade produtiva, paralisada anteriormente por conta da crise econômica.

Um ano depois do início de os efeitos adversos da crise financeira terem chegado ao Estado, é possível fazer um breve balanço dos fatos ocorridos e das perspectivas futuras da economia do estado do Espírito Santo. Devido ao alto grau de abertura ao comércio exterior e a uma pauta de exportações concentrada principalmente em *commodities*, o Estado sofreu um impacto contracionista nitidamente superior ao do País como um todo. Entretanto, devido a suas características específicas, o Espírito Santo registrou, no terceiro trimestre de 2009, um padrão robusto de recuperação econômica, baseado principalmente no bom desempenho da indústria e do comércio locais. Por outro lado, indicadores de desempenho relacionados ao longo prazo

demonstram boas perspectivas para o Espírito Santo: o aumento da produtividade industrial, assim como o aporte significativo de projetos de investimento ocorrido recentemente por conta da iniciativa governamental, juntamente com as perspectivas relacionadas ao Pré-Sal são fatores que permitem vislumbrar a sustentabilidade da retomada do crescimento em curso.

Instituto Jones dos Santos Neves

Coordenação Geral

Ana Paula Vitali Janes Vescovi
Diretora-presidente

Coordenação de Estudos Econômicos

Matheus Albergaria de Magalhães

Equipe Técnica

Anna Claudia Aquino dos Santos Pela
Anna Paula Lage Ribeiro
Jessica Siqueira Rangel
Josiene Freire Rocha
Jussara Maria Chiappane
Matheus Albergaria de Magalhães
Roberto Paula de Freitas Campos
Vanessa de Lima Avanci
Victor Nunes Toscano

Editoração

João Vitor André

Revisão

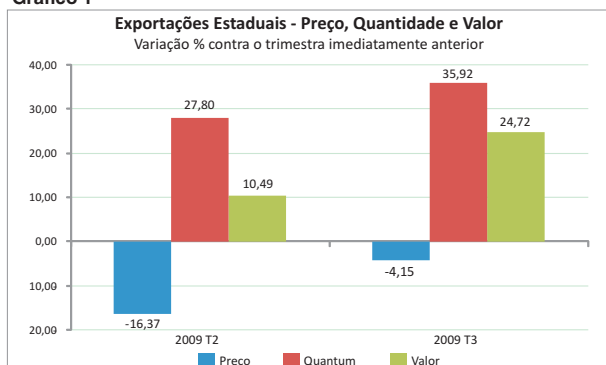
Matheus Albergaria de Magalhães
Victor Nunes Toscano

Índice

Comércio Exterior	12
Produção Industrial	14
Mercado de Trabalho	16
Produtividade Industrial	19
Consumo e Investimentos	20
Preços	22
Política Monetária e Creditícia	24
Finanças Estaduais	25
Expectativas	27

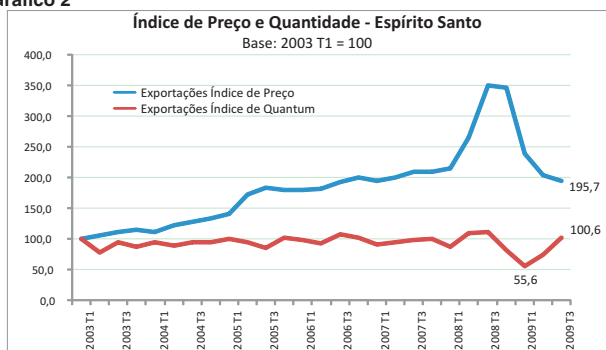
COMÉRCIO EXTERIOR

Gráfico 1



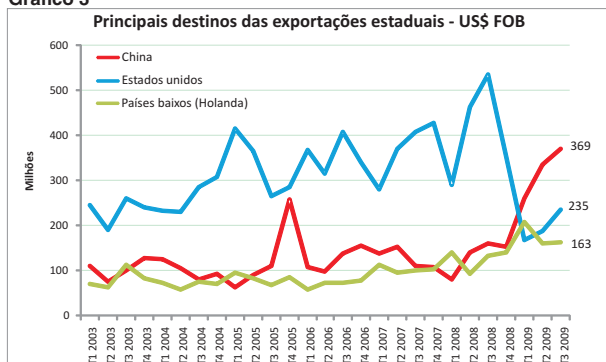
Fonte: SECEX, MDIC.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 2



Fonte: SECEX, MDIC.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 3



Fonte: SECEX, MDIC.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

O desempenho do comércio exterior no terceiro trimestre confirma a forte tendência de recuperação da economia estadual frente aos efeitos adversos da crise internacional de 2008. Durante esse período, observam-se resultados positivos em todos os indicadores referentes ao comércio externo. Destaque para a variação de +24,72% das exportações estaduais, que passaram de um valor exportado de US\$ 1,4 bilhão no segundo trimestre para US\$ 1,9 bilhão no terceiro trimestre de 2009. Também foi positivo o desempenho dos indicadores do Saldo Comercial (Exportações - Importações) e da Corrente de Comércio (Exportações + Importações), cujos valores variaram, respectivamente, +59,22% e +18,85% em relação ao segundo trimestre 2009 (Tabela 1).

O crescimento em valor das exportações foi fortemente determinado pelo incremento da quantidade exportada, com aumento de +35,92% entre o segundo e o terceiro trimestres de 2009. Os preços das exportações descreveram trajetória de queda mais suave na comparação com o trimestre imediatamente anterior, alcançando -4,15% no terceiro trimestre ante a variação de -16,37% no segundo trimestre de 2009 (Gráfico 1). O comportamento dos preços das exportações estaduais não acompanhou a trajetória dos preços das *commodities* cotadas internacionalmente, que, já no terceiro trimestre, apresentaram variações positivas nos principais índices divulgados pelo *Commodities Research Bureau*⁷ (CRB).

A recuperação do índice de *quantum* registrou um padrão em forma de “V”, apontando para um crescimento da quantidade exportada cerca de duas vezes maior do que o observado no início do ano de 2009 (Gráfico 2). Do primeiro ao terceiro trimestre de 2009, a quantidade exportada cresceu aproximadamente 90% (valor do índice passou de 55,6 para 100,6, respectivamente), atingindo nível próximo do observado no período anterior à crise financeira. De fato, esse é um resultado importante, tendo em vista o alto grau de abertura comercial do Espírito Santo e os impactos das exportações sobre a produção industrial. O diagrama de dispersão, apresentado no Sumário Executivo deste número do Panorama Econômico, revela que cerca de 50% da variação na produção industrial estadual pode ser explicada a partir da variação ocorrida no índice de *quantum* das exportações.

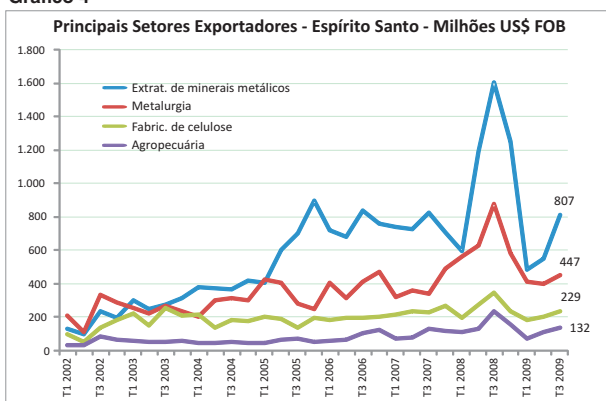
Tabela 1 - Principais Resultados - US\$ milhões

	T2 2009	T3 2009	Variação %	
Exportação	1.485	1.901	↑	24,72
Importação	1.124	1.249	↑	10,54
Saldo	361	652	↑	59,22
Corrente de Comércio	2.609	3.150	↑	18,85

Fonte: SECEX, MDIC.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

⁷ Ver, a esse respeito, a seção de Preços deste número do Panorama Econômico.

Gráfico 4



Fonte: SECEX, MDIC.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

O perfil das exportações estaduais permanece bastante concentrado setorialmente, com cerca de nove setores sendo responsáveis por 96% das exportações do Estado. Dos principais setores reportados, apenas o de Fabricação de Produtos Alimentícios registrou queda nas exportações no terceiro trimestre (-25,22%). Os outros setores, por sua vez, apresentaram desempenho bastante positivo, destacando os de Extração de Minerais Metálicos (+47,63%), Agropecuária (+18,04%), Fabricação de Celulose (+17,14%) e Metalurgia (+12,88%). Tudo indica que a demanda por minério de ferro e produtos metalúrgicos continuará aquecida, principalmente para a China, tendo em vista os projetos de reestruturação econômica implementados nesse país.⁸ As exportações para o setor de minerais não-metálicos também apresentaram bom desempenho no terceiro trimestre do ano, em função da retomada das exportações no segmento de rochas ornamentais, que registraram altas de +23,15% para os produtos brutos ligados à extração e de +26,97% para os produtos beneficiados (Tabela 2).

A China se consolidou como principal parceiro comercial do Espírito Santo, sendo responsável por 19,44% do valor total exportado pelo Estado. Destaca-se também a retomada das exportações para os Estados Unidos, que fecham o terceiro trimestre com um montante importado de US\$ 235 milhões, sinalizando uma recuperação dos fluxos comerciais que desapareceram durante a fase mais aguda da crise internacional. Vale mencionar o comportamento das exportações para a Holanda, que, após um aumento momentâneo em meados do segundo trimestre deste ano, estabilizou-se em um patamar abaixo dos países citados acima (montante de US\$ 163 milhões no último trimestre) (Gráfico 3).

Tabela 2 - Exportações por Setores - Espírito Santo - CNAE 2.0 - US\$ FOB

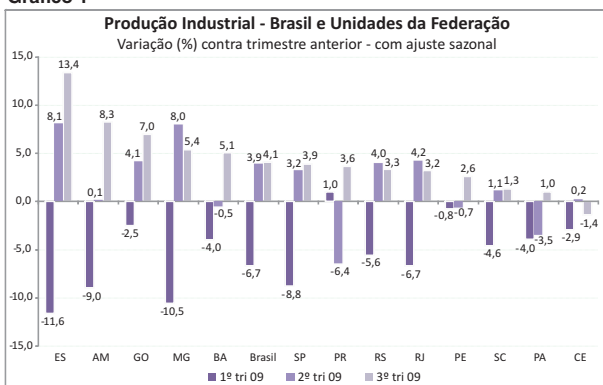
Setores	T2 2009	T3 2009	Participação no total	Variação %
Extrat. de Minerais Metálicos	546.832.099	807.286.699	42%	↑ 47,63
Metalurgia	395.723.409	446.692.356	24%	↑ 12,88
Fabricação de Celulose	195.558.702	229.087.026	12%	↑ 17,14
Agropecuária	112.032.711	132.248.476	7%	↑ 18,04
Minerais Não-Metálicos				
<i>Extração</i>	16.790.013	20.677.650	1%	↑ 23,15
<i>Frabricação</i>	102.912.248	130.668.284	7%	↑ 26,97
Fabric. de Prod. Alimentícios	41.776.671	31.240.591	2%	↓ -25,22
Fabric. de Prod. de Borracha e de Material Plástico	22.423.147	23.112.390	1%	↑ 3,07
<i>Sub-Total</i>	<i>1.434.049.000</i>	<i>1.821.013.472</i>	<i>96%</i>	<i>↑ 26,98</i>
TOTAL	1.484.521.995	1.900.780.045	100%	↑ 28,04

Fonte: SECEX, MDIC.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

⁸ Em particular, alguns cálculos preliminares indicam que ao longo do terceiro trimestre de 2009, a China absorveu cerca de 28% das exportações estaduais de minério de ferro e 14% de produtos metalúrgicos.

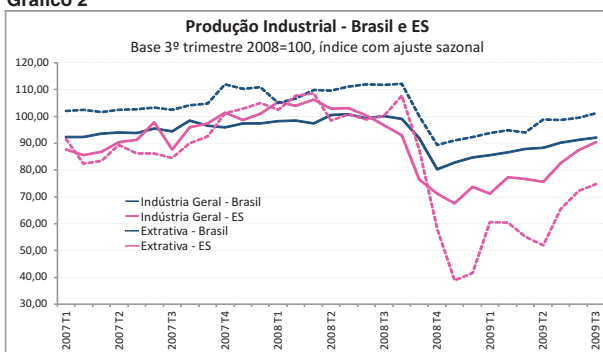
PRODUÇÃO INDUSTRIAL

Gráfico 1



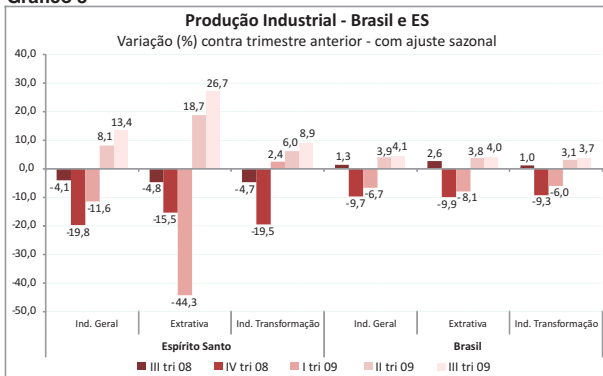
Fonte: IBGE - PIMPF.
Elaboração: IJNS - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 2



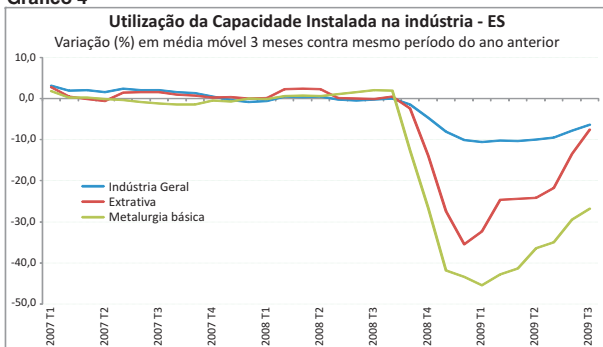
Fonte: IBGE - PIMPF.
Elaboração: IJNS - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 3



Fonte: IBGE - PIMPF.
Elaboração: IJNS - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 4



Fonte: FINDES/IEL-ES.
Elaboração: IJNS - Coordenação de Estudos Econômicos.

O desempenho da indústria estadual no terceiro trimestre de 2009 evidenciou sinais consistentes de contínua recuperação da produção local, especialmente no segmento de bens intermediários. De acordo com dados dessazonalizados da Pesquisa Industrial Mensal (PIM-PF) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a produção industrial registrou crescimento pelo segundo trimestre consecutivo no Estado, alcançando a maior expansão do país ao avançar +13,4% em relação ao trimestre imediatamente anterior. O resultado superou substancialmente a expansão verificada para a indústria nacional (+4,1%), o que denota um padrão de recuperação mais acelerado por parte da indústria local, após um período em que, sob os efeitos iniciais da crise, registrou a maior queda da produção industrial entre as Unidades da Federação pesquisadas pelo IBGE. Em setembro de 2009 a indústria no Espírito Santo produzia 6,9% a menos do que o nível observado em setembro de 2008, ante -7,7% na média do Brasil (Gráfico 1).

Cabe mencionar que a comparação dos resultados da produção industrial capixaba e nacional deve considerar as especificidades da estrutura produtiva local. Isto porque, no Estado, as atividades industriais pesquisadas pelo IBGE configuram um perfil predominantemente assentado na produção de bens intermediários para o mercado externo, respondendo por cerca de 77% da produção da indústria local. A indústria nacional, por sua vez, abarca ainda a produção de bens de capital e de bens de consumo (duráveis e não duráveis), o que reflete uma estrutura mais diversificada, fazendo com que os resultados relacionados a essa indústria sejam relativamente mais pulverizados. Desta forma, a retomada da produção de bens intermediários constitui elemento determinante para o desempenho da indústria local. Em nível nacional, o crescimento foi relativamente baixo (+3,8% frente ao trimestre anterior), mas a queda também havia sido menor, amortecida pela recuperação do setor de bens duráveis, em decorrência de políticas de desoneração tributária e expansão do crédito (Gráfico 2).

No caso do Espírito Santo, o crescimento obtido na passagem do segundo para o terceiro trimestre de 2009 reflete principalmente a retomada da produção global de aço e a elevação da demanda internacional por minério de ferro. Neste contexto, a elevação da produção nas indústrias extrativa (+26,7%) e de transformação (+8,9%) ocorreu em ritmo mais acentuado do que aquele verificado no segundo trimestre e acima da média nacional. Na indústria de transformação, foi destaque o desempenho da indústria metalúrgica e da indústria de celulose, que registraram, no terceiro trimestre do ano, altas de +18,1% e +13,2%, respectivamente, na comparação com o trimestre anterior (Gráfico 3).

O nível de utilização da capacidade instalada (NUCI) na indústria estadual também aponta evidências acerca da retomada da produção de bens intermediários no Espírito Santo. Dados do Instituto Euvaldo Lodi (IES-ES) revelam que, embora tenha ocorrido queda de -6,4% no terceiro trimestre de 2009, comparativamente ao mesmo período de 2008, é possível observar a tendência de recuperação da indústria local, impulsionada pelo desempenho das indústrias extrativa e metalúrgica, especialmente com relação ao fechamento dos dois trimestres anteriores (Gráfico 4).

Tabela 1 - Produção Industrial (ES e Brasil) - Taxa de Crescimento Acumulado/2009 (%)

Atividades	Com ajuste sazonal*			Sem ajuste sazonal		
	set09/ dez08	III tri 09/ I tri 09	III tri 09/ II tri 09	set09/ set08	III tri 09/ III tri 08	Acumulado no ano(1)
Brasil						
Indústria Geral	14,6	8,1	4,1	-7,7	-8,3	-11,6
Extrativa Mineral	13,0	7,9	4,0	-9,3	-9,9	-12,4
Transformação	13,0	7,0	3,7	-7,7	-8,2	-11,5
Espírito Santo						
Indústria Geral	26,8	22,5	13,4	-6,9	-12,7	-23,5
Extrativa Mineral	28,5	50,4	26,7	-25,0	-28,8	-42,7
Transformação	21,4	15,4	8,9	3,0	-4,3	-13,9
Alimentos e bebidas	22,6	-0,2	9,9	29,9	3,9	-5,7
Celulose, papel e produtos de papel	21,4	26,6	13,2	6,8	5,8	-0,8
Minerais não metálicos	-4,2	-0,6	-0,6	-16,2	-10,9	-8,8
Metalurgia básica	61,8	38,4	18,1	-3,8	-11,9	-27,4

Fonte: IBGE.

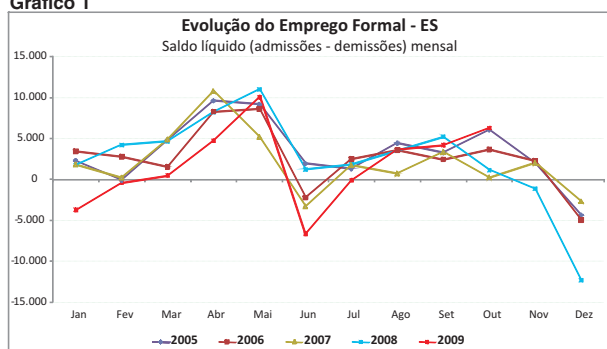
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

* o ajuste sazonal para as indústrias extrativa e de transformação foi realizado pela Coordenação de Estudos Econômicos do IJSN.

(1)em relação ao mesmo período do ano anterior.

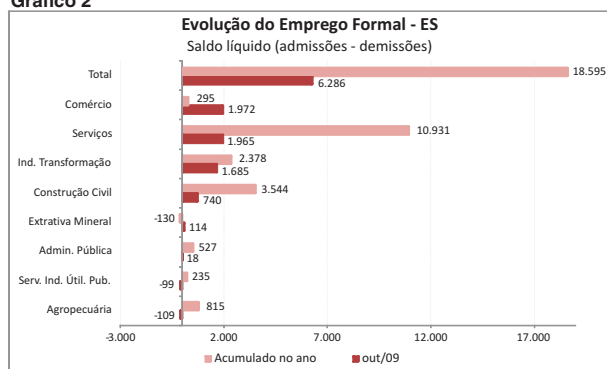
MERCADO DE TRABALHO

Gráfico 1



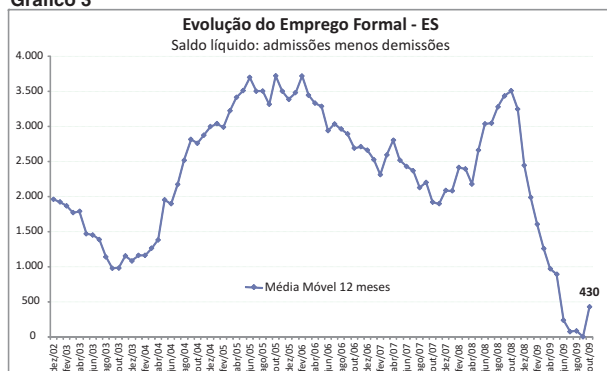
Fonte: MTE/CAGED/Lei 4.923/65.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 2



Fonte: MTE/CAGED/Lei 4.923/65.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 3



Fonte: MTE/CAGED/Lei 4.923/65.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

De acordo com dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), o emprego formal no Espírito Santo registrou saldo recorde entre admissões e demissões no mês de outubro de 2009, com a criação de +6.286 novos postos de trabalho com carteira assinada (Gráfico 1). Para o período, o desempenho é o melhor de toda a série histórica do CAGED e equivalente a cerca de cinco vezes o saldo obtido em outubro de 2008 (+1.145). O crescimento decorreu do bom dinamismo nos setores de Comércio (+1.972), Serviços (+1.965), Indústria de Transformação (+1.685) e Construção Civil (+740) (Gráfico 2). Destaque para a Indústria de Transformação, que obteve saldo positivo nos três últimos meses, após apresentar nove meses consecutivos de fechamento líquido de postos de trabalho.

O Estado acumulou o saldo líquido positivo de +18.595 novos postos de trabalho até outubro de 2009 (Gráfico 2). Embora o saldo ainda esteja 56,6% abaixo daquele observado em igual período de 2008 (+ 42.807), a redução da demanda por trabalho decorrente da crise se traduziu em geração de vagas em volume menor. No acumulado do ano, as contratações foram lideradas pelo setor de Serviços (+10.931 empregos, quase 60% do total), seguido da Construção Civil (+3.544) e Indústria de Transformação (+2.378). Ao longo desse período, houve redução do emprego formal apenas no setor de Extrativa Mineral (-130), cujo nível de atividade está fundamentalmente atrelado ao mercado externo.

Mesmo considerando as demissões líquidas no final do ano de 2008, o indicador de criação de emprego formal em média móvel 12 meses também trouxe impactos positivos no período em análise. Conforme observado no Gráfico 3, esse indicador, após atingir o piso em setembro de 2009, apresentou inversão em outubro, da tendência de queda no saldo líquido de admissões registradas desde novembro de 2008.⁹

Após o desempenho do mês de outubro de 2009, o Estado contabiliza um estoque de 654.730 trabalhadores celetistas, equivalente a uma expansão de +1,0% frente ao mês de setembro (648.444) e variação de +0,90%, quando comparado ao resultado apurado em setembro de 2008 (648.423), após ajuste sazonal. Com isso, o emprego formal no Espírito Santo alcançou o nível pré-crise. No terceiro trimestre de 2009, as variações também foram positivas na comparação com o segundo trimestre do ano (+0,38%). Quando comparado ao quarto trimestre de 2008, a redução no estoque foi de -0,44% (Tabela 1).

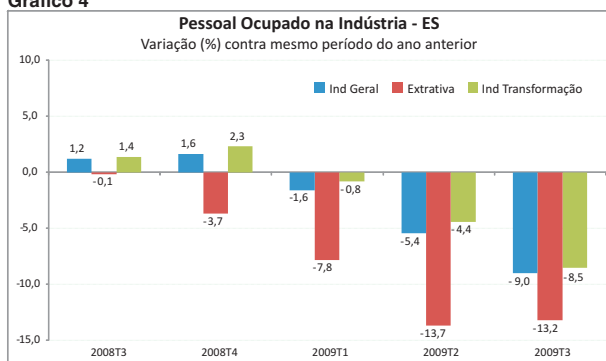
Tabela 1 - Estoque de empregos formais por setor de atividade econômica (ES) - Taxa de Variação (%)

Setores	Sem ajuste sazonal		Com ajuste sazonal			
	out09/ out08	III tri 09/ III tri 08	out09/ set09	III tri 09/ II tri 09	III tri 09/ IV tri 08	Acumulado jan - out09/ IV trim 08
Administração Pública	0,62	0,27	0,70	-2,01	-1,05	0,84
Agropecuária	-5,14	-6,66	3,01	-4,84	-6,29	-3,98
Comércio	1,42	1,34	0,70	0,89	0,29	-0,09
Construção Civil	-0,83	-4,24	1,89	1,19	-3,28	-3,32
Extrativa Mineral	-4,89	-6,59	0,79	-1,59	-4,96	-3,63
Ind de Transformação	-1,73	-3,46	1,11	-0,15	-3,12	-2,33
Serviços	2,96	3,14	0,52	1,04	2,16	1,33
Serv. Ind. de Utilidade Pública	3,43	4,42	-1,13	0,83	3,14	2,19
Total	0,80	0,10	0,90	0,38	-0,33	-0,44

Fonte: MTE/CAGED/Lei 4.923/65.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

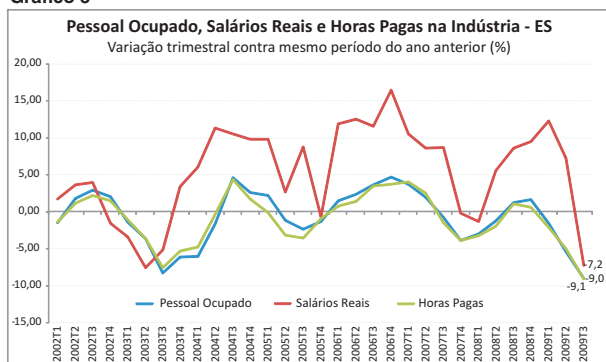
⁹ Os resultados básicos não se alteram no caso de dados dessazonalizados.

Gráfico 4



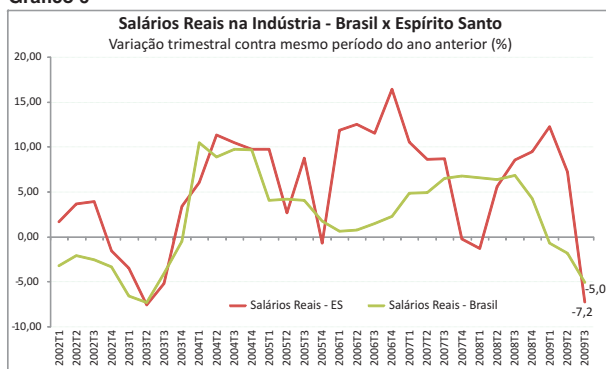
Fonte: IBGE.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 5



Fonte: IBGE.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 6



Fonte: IBGE.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Diante da trajetória de recuperação do nível de atividade, o emprego na indústria estadual apresentou avanço acima da média brasileira em setembro (dados ajustados sazonalmente), embora a tendência de queda permaneça nas comparações envolvendo períodos mais longos.¹⁰ De acordo com dados da Pesquisa Industrial Mensal de Emprego e Salário (PIMES), no terceiro trimestre de 2009, comparativamente ao mesmo trimestre do ano anterior, houve queda do pessoal ocupado na indústria do Espírito Santo (-9,0%) decorrente de variações negativas consecutivas ao longo do ano. As reduções no terceiro trimestre de 2009 foram generalizadas e apenas o setor de Minerais não-metálicos (+3,3%) sustentou algum crescimento no período. Em particular, a queda do emprego na Indústria de Transformação se intensificou (-8,5% ante -4,4% no segundo trimestre) ao passo que a queda ocorrida na Indústria Extrativa foi relativamente constante, próximo a -13,2% (Gráfico 4).

Na comparação trimestral comparativamente ao trimestre imediatamente anterior (dados dessazonalizados), observa-se desaceleração do ritmo de queda entre o terceiro e o segundo trimestre de 2009 (-2,8%). Destacam-se as variações positivas nos setores de Madeira (+4,4%), Coque, refino de petróleo, combustíveis nucleares e álcool (+4,2%) e Minerais não-metálicos (+2,1%). Em termos mensais, o emprego industrial começou a dar sinais de reação à retomada da atividade econômica quando, em setembro, registrou a primeira variação positiva, de +0,8% em relação a agosto, após dez meses de retração na série ajustada. Para o Brasil, esse avanço no emprego industrial foi de +0,4%, na mesma base de comparação (Tabela 2).

Mesmo com registro de crescimento do emprego, as horas pagas ainda não reagiram positivamente à recuperação da demanda industrial. Em setembro, após excluir os efeitos sazonais, as horas trabalhadas ainda recuaram (-0,5%), na comparação com o mês imediatamente anterior. Para o Brasil, na mesma base de comparação, a variação foi positiva no curto prazo (+1,1%). Apesar dessa divergência nos dados mensais, no segundo trimestre de 2009, as reduções no emprego industrial e nas horas pagas continuaram alinhadas, tanto para o Brasil quanto para o Espírito Santo. No segundo trimestre do ano, ante o mesmo período do ano anterior, as horas pagas na indústria estadual registraram recuo efetivo de -9,1% (Gráfico 5).

Como registrado no último número do Panorama, a redução da demanda por trabalho na indústria acabou ocasionando queda nos salários reais para o Brasil no primeiro trimestre do ano. Para o Estado, na mesma base de comparação, esse efeito ocasionou uma desaceleração da taxa de crescimento dos salários reais, com expectativa de queda para os meses seguintes. Diante deste cenário, a previsão de redução dos salários reais na indústria estadual passou a ser verificada a partir de agosto e ampliou-se no terceiro trimestre (-7,2%), quando comparado ao mesmo período do ano anterior (Gráfico 6).

¹⁰ Ver, a esse respeito, a Resenha de Conjuntura nº80 (Empregos e Salários - Setembro/2009), no site do IJSN.

Tabela 2 - Pessoal Ocupado Assalariado na Indústria por segmentos - ES - Taxa de Variação (%)

Seções e Divisões	Com ajuste sazonal (1)		Sem ajuste sazonal			
	set09/ ago09	III tri 09/ II tri 09	Mensal (set09/ set08)	III Tri 09/ III Tri 08	Acumulado no ano*	Acumulado 12 meses*
Indústria geral	0,8	-2,8	-8,6	-9,0	-5,4	-3,6
Coque, refino de petróleo, combustíveis nucleares e álcool	37,3	4,2	14,7	-2,8	15,3	22,6
Minerais não-metálicos	0,0	2,1	3,1	3,3	2,3	2,1
Alimentos e bebidas	1,0	-1,5	0,4	-0,5	5,5	6,5
Têxtil	1,6	-2,5	-3,7	-6,0	-4,0	-2,6
Calçados e couro	2,9	4,2	-4,9	-5,9	-5,3	-3,1
Fabricação de outros produtos da indústria de transformação	-1,3	0,7	-5,9	-4,4	-6,9	-6,8
Indústria de transformação	0,7	-2,9	-8,3	-8,5	-4,6	-2,9
Madeira	1,8	4,4	-10,5	-13,1	-16,8	-17,7
Papel e gráfica	-2,5	-4,8	-11,0	-10,1	-6,6	-4,1
Produtos químicos	0,5	-2,4	-11,8	-13,9	-15,0	-12,8
Borracha e plástico	0,0	-4,2	-12,0	-11,7	-6,2	-2,6
Indústrias extrativas	-0,8	-2,6	-12,0	-13,2	-11,6	-9,6
Vestuário	-0,7	-2,4	-13,1	-12,8	-12,0	-11,2
Máquinas e aparelhos elétricos, eletrônicos, de precisão e de comunicações	2,6	-4,3	-13,1	-14,9	-11,4	-8,9
Metalurgia básica	-0,6	-1,8	-14,0	-13,2	-8,7	-4,3
Produtos de metal, exclusive máquinas e equipamentos	-1,3	-5,1	-17,9	-18,0	-12,0	-7,1
Fabricação de meios de transporte	0,9	-8,9	-22,9	-24,8	-21,1	-19,5
Máquinas e equipamentos, exclusive elétricos, eletrônicos, de precisão e de comunicações	5,2	-20,3	-29,9	-28,8	-9,1	-3,3

Fonte: IBGE.

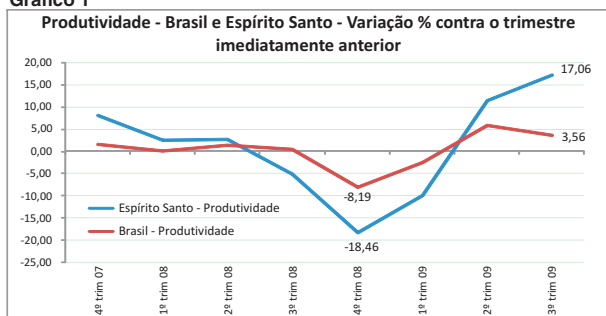
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

*em relação ao mesmo período do ano anterior.

(1) o ajuste sazonal foi realizado pela Coordenação de Estudos Econômicos do IJSN.

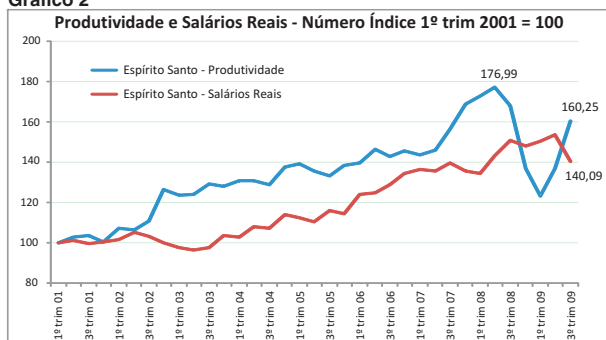
PRODUTIVIDADE INDUSTRIAL

Gráfico 1



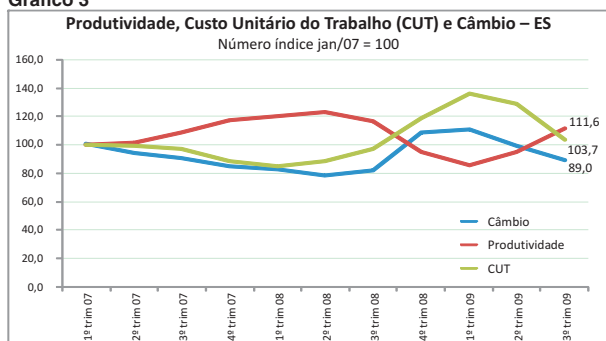
Fonte: IBGE - PIM-PF e PIMES.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 2



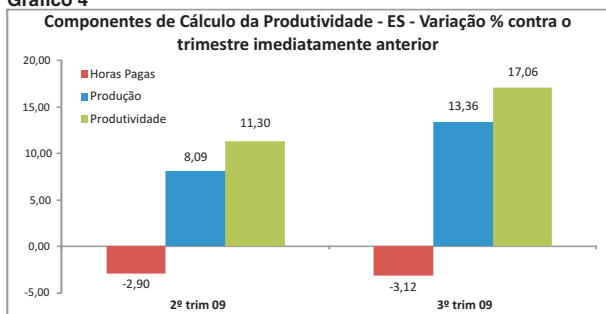
Fonte: IBGE - PIM-PF e PIMES.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 3



Fonte: IBGE - PIM-PF e PIMES.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 4



Fonte: IBGE - PIM-PF e PIMES.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Tabela 1 - Produtividade - ES e Brasil

	Variação % contra trim. imediatamente anterior	Variação % 4 trimestres	Variação % contra mesmo trim. do ano anterior
Brasil			
Geral	3,56	-5,62	-1,94
Extrativa	4,62	-10,36	-5,74
Transformação	3,19	-5,45	-1,92
Espírito Santo			
Geral	17,06	-18,81	-4,43
Extrativa	30,12	-29,74	-17,86
Transformação	12,45	-12,94	4,11

Fonte: IBGE - PIM-PF e PIMES.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

O índice de produtividade do Espírito Santo deu continuidade, no último trimestre, ao processo de recuperação pós-crise e apresentou alta de +17,06% em relação ao 2º trimestre desse ano. Essa foi a segunda alta trimestral consecutiva em 2009, após variação de +11,3% do primeiro para o segundo trimestre do ano. Comparando o resultado estadual com o nacional, a variação da produtividade do trabalho no Espírito Santo foi quase cinco vezes superior à do Brasil, que registrou aumento de +3,56% (Gráfico 1). Não obstante o bom desempenho no período recente, o nível de produtividade industrial (160,25) no Estado ainda é cerca de 10% inferior ao pico observado no início de 2008, quando índice de produtividade era de 176,99 (Gráfico 2).

Com o considerável aumento do nível de produtividade do Estado e a queda registrada nos salários reais na indústria no último trimestre, observa-se um cenário de desequilíbrio entre essas variáveis, que se encontram atualmente em trajetórias divergentes (Gráfico 2). Isso implica custos unitários de produção declinantes, compensando, de certa forma, o impacto da apreciação cambial sobre a rentabilidade dos setores com maior exposição ao comércio exterior. Por outro lado, é claro o comportamento procíclico da produtividade (ou seja, essa variável cai quando a produção desacelera e aumenta em fases de retomada e aceleração), indicando que não parece ter havido mudança substancial da tendência anterior, onde salários reais e produtividade evoluíram a taxas semelhantes (Gráfico 3).

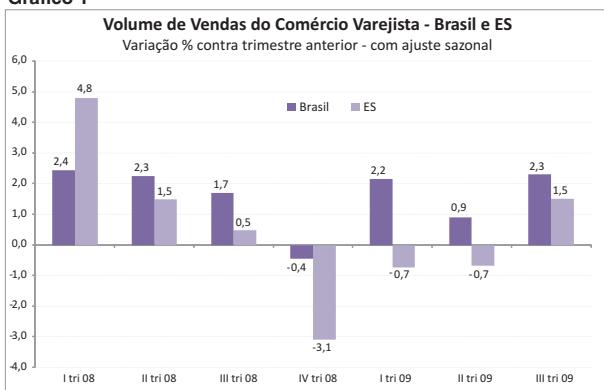
A decomposição dos componentes da produtividade demonstra que tanto a retomada da produção industrial como a continuidade na redução das horas pagas na indústria contribuíram para a alta observada (Gráfico 4). Entretanto, são as variações na produção que vêm demonstrando ser o determinante, na maioria das vezes, do desempenho da produtividade do trabalho. As variações no último trimestre dos componentes da produtividade foram de -3,12% para as horas pagas, e +13,36% para a produção na indústria, em relação ao segundo trimestre desse ano.

O desempenho setorial da produtividade foi similar ao observado no número anterior do Panorama. A maior variação foi registrada pela indústria extrativa tanto no caso do Brasil como no do Espírito Santo, com altas de +4,62% e +30,12%, respectivamente. Apesar de apresentar declínios mais acentuados que o país na variação em quatro trimestres, o Estado demonstra maior fôlego no processo de recuperação para níveis de produtividade pré-crise, como comprovado pelas variações em relação ao trimestre imediatamente anterior (Tabela 1).

Os resultados supracitados confirmam um padrão empírico comum no caso do Espírito Santo: quando o País cresce, o Estado cresce acima da média; com o inverso ocorrendo durante períodos de recessão.

CONSUMO E INVESTIMENTOS

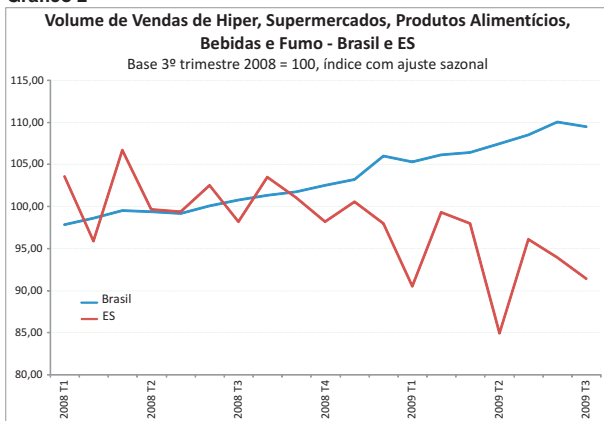
Gráfico 1



Fonte: IBGE - PMC.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

O terceiro trimestre de 2009 foi marcado pela reversão da trajetória de queda nas vendas do comércio varejista estadual, na série livre de influências sazonais. O crescimento de +1,5% no volume de vendas frente ao segundo trimestre do ano ocorreu após três trimestres consecutivos de taxas negativas e, embora ainda esteja abaixo da média do país (+2,3%), sinaliza perspectivas favoráveis para o comércio local. Esse desempenho pode estar refletindo os efeitos positivos das medidas governamentais de incentivo fiscal adotadas, bem como a recomposição da oferta de crédito e o reaquecimento do mercado de trabalho formal em decorrência da retomada da atividade econômica, especialmente da produção industrial. Além disso, sugere indícios de uma maior confiança por parte das famílias quanto ao potencial de recuperação da economia capixaba frente aos efeitos adversos da crise econômica (Gráfico 1).

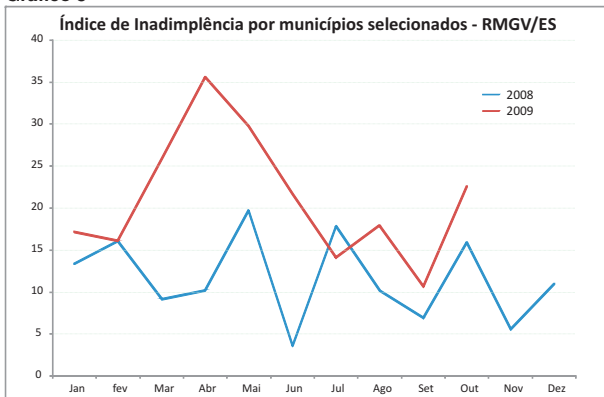
Gráfico 2



Fonte: IBGE - PMC.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Um fator preponderante para explicar o comportamento do comércio varejista no Estado é o desempenho das vendas de *Hiper, Supermercados, Produtos Alimentícios, Bebidas e Fumo*. Esse segmento exerce a maior contribuição relativa para a formação da taxa global do varejo capixaba, respondendo por cerca de 50% das vendas locais, de maneira que as sucessivas taxas negativas ocorridas ao longo do ano impactaram fortemente o resultado do varejo. No terceiro trimestre do ano, porém, observa-se uma tendência de recuperação na margem, evidenciada por meio da redução no ritmo de queda das vendas desse segmento, em comparação ao segundo trimestre (de -2,4% para -0,3%). Com efeito, pode-se afirmar que esse resultado, aliado ao crescimento nas vendas de *Artigos Farmacêuticos, Médicos, Ortopédicos, de Perfumaria e Cosméticos* (+17,2%) e de *Equipamentos e Materiais para Escritório, Informática e Comunicação* (+9,7%) repercutiu favoravelmente sobre o desempenho local, ainda que algumas atividades tenham registrado taxas negativas no mesmo período, a exemplo de *Tecidos, Vestuário e Calçados* (-21,1%) e de *Livros, Jornais, Revistas e Papelaria* (-15,7%).

Gráfico 3

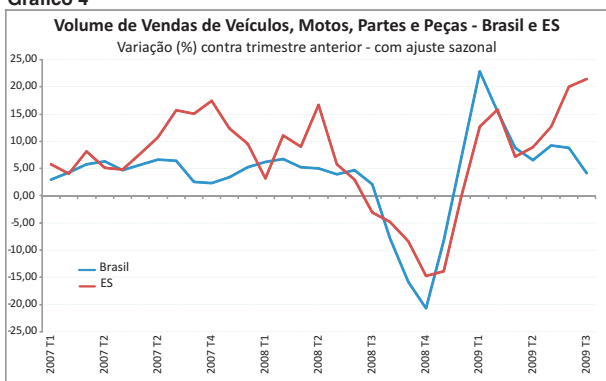


Fonte: CDL/RMGV.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

A redução da inadimplência¹¹ no terceiro trimestre do ano também constitui um elemento importante a se considerar na análise do comportamento do comércio local. O índice apurado em três municípios da Região Metropolitana da Grande Vitória registrou um recuo significativo, ao atingir 16% na média do período em referência, após ter alcançado 29% na média do segundo trimestre de 2009, aproximando-se daquele obtido no mesmo período do ano anterior (14%). Contudo, é importante assinalar que houve crescimento no número de consultas ao Sistema de Proteção ao Crédito (SPC) no mês de outubro, frente ao mesmo mês de 2008 (+5,8%), resultando em um acréscimo de +19,5% nas inclusões de registros. Assim, observa-se uma elevação do índice de inadimplência, que encerrou o mês em 23%, acima daquele registrado em outubro do ano passado (16%), o que pode frear a expansão das vendas do varejo à frente (Gráfico 3).

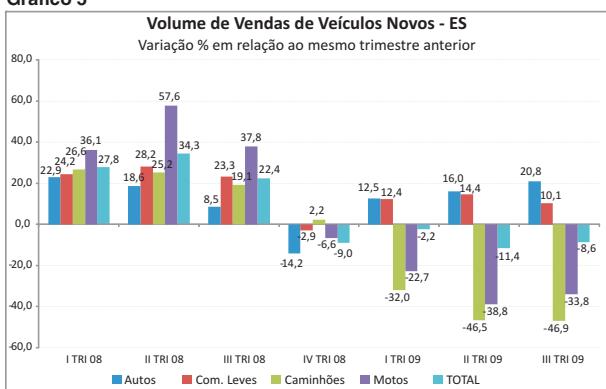
¹¹ O índice de inadimplência é calculado pelo Instituto Jones dos Santos Neves, a partir de dados de registros incluídos e excluídos no SPC, fornecidos pelas CDL's de 3 municípios da Região Metropolitana (Vitória, Serra e Cariacica).

Gráfico 4



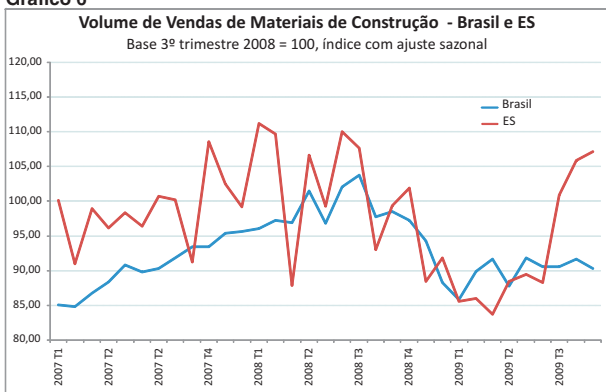
Fonte: IBGE - PMC.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 5



Fonte: FENABRAVE.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 6



Fonte: IBGE - PMC.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

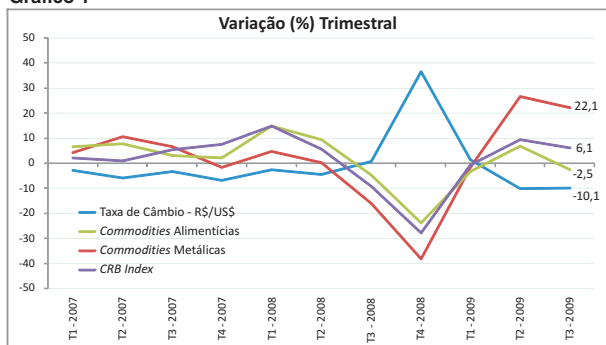
No comércio varejista ampliado¹², os resultados obtidos no terceiro trimestre de 2009 são ainda mais otimistas para o Espírito Santo e sugerem indícios de fortalecimento do mercado local, impulsionado pelas medidas governamentais de incentivo ao setor automotivo e de construção civil. Em relação ao segundo trimestre, houve uma expansão de +10,4% no volume de vendas, descontados os efeitos da sazonalidade, resultado que esteve acima da média verificada para o País (+3,5%). As vendas de *Veículos, Motos, Partes e Peças* contribuíram significativamente para o desempenho local, registrando crescimento de +21,5% frente ao trimestre anterior, após ajuste sazonal. O resultado superou os patamares observados no período pré-crise e contrasta com aquele verificado em nível nacional, haja vista a desaceleração no ritmo de crescimento ocorrida na passagem do segundo para o terceiro trimestre do ano (Gráfico 4).

No que se refere ao mercado de veículos novos do Estado, dados da Federação Nacional de Distribuição de Veículos Automotores (FENABRAVE) revelam que as recentes medidas de incentivo têm surtido efeitos positivos nos segmentos de automóveis de passeio e de comerciais leves. No fechamento do terceiro trimestre de 2009, comparativamente ao mesmo trimestre de 2008, embora tenha ocorrido queda de -8,6% na comercialização de veículos novos no Estado, observa-se que as vendas de automóveis de passeio (+20,8%) e de comerciais leves (+10,1%) sustentaram crescimento no período. Por outro lado, os segmentos de motos e de caminhões têm sido mais afetados pelos efeitos da crise econômica, exercendo impacto negativo sobre as vendas totais de veículos novos por três trimestres consecutivos (Gráfico 5).

Na análise do desempenho do comércio varejista ampliado, também merece destaque local a elevação no volume de vendas de *Materiais de Construção* pelo segundo trimestre consecutivo, na série livre de influências sazonais. No terceiro trimestre de 2009, o segmento registrou crescimento em ritmo acelerado, ao avançar +17,2% frente ao trimestre anterior, em contraste com o padrão observado para a média do país, onde o avanço foi bem mais modesto, próximo à estabilidade (+0,9%). Conforme mencionado na edição anterior deste documento, no caso do Espírito Santo o resultado positivo pode ser atribuído, entre outros fatores, aos efeitos do Programa Estadual de Investimentos Públicos e Empregos, que tem como carro-chefe, a construção civil. De fato, dados do CAGED já apontam crescimento do emprego formal no setor de construção civil capixaba. As perspectivas para esse setor são ainda mais favoráveis na medida em que consideramos os impactos do programa de habitação do governo federal "*Minha Casa, Minha Vida*" (Gráfico 6).

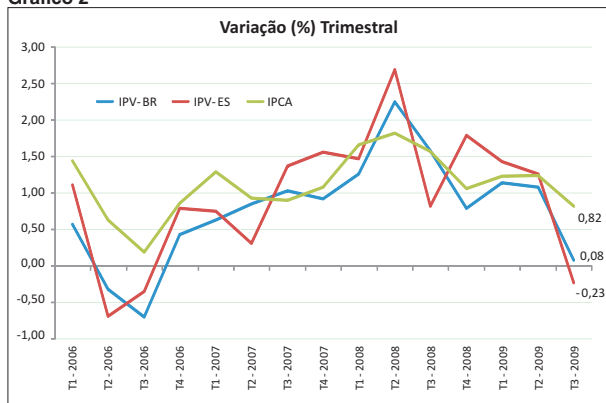
¹² Composto pela soma das vendas do varejo com as automotivas e de materiais de construção.

Gráfico 1



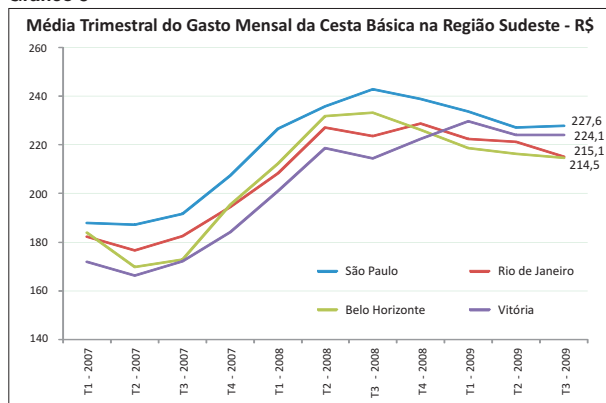
Fonte: CRB e BCB Boletim/BP.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 2



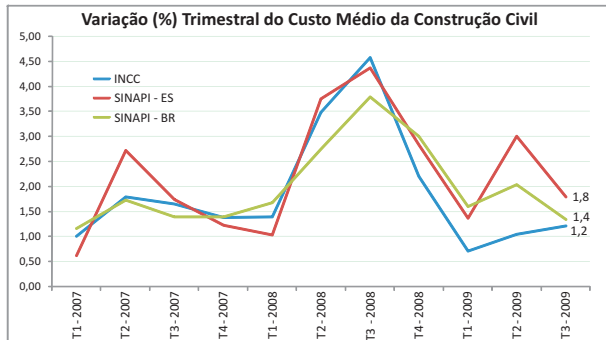
Fonte: IBGE e IPEA.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 3



Fonte: DIEESE.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 4



Fonte: IBGE e FGV.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

O índice que acompanha a evolução dos preços internacionais das *commodities*, calculado pelo *Commodities Research Bureau* (CRB Index) revela, no 3º trimestre de 2009, uma leve desaceleração da trajetória de recuperação dos preços, embora as variações tenham se mantido positivas pelo segundo trimestre consecutivo. Para as *commodities* como um todo, a variação do 3º trimestre foi +6,1%. A recuperação vem sendo mais acentuada entre as *commodities* metálicas; os produtos alimentícios vêm se recuperando mais lentamente, com variação no terceiro trimestre de -2,5%, em contraste com a variação acumulada de +4,0%, no ano (Gráfico 1).

No cenário nacional, os preços dos bens transacionáveis com o exterior sofreram forte desaceleração relativamente à alta ocorrida em 2008. De acordo com o Banco Central, isto ocorreu devido à confluência de dois fatores: a pressão dos preços externos, captada por meio das variações dos preços das *commodities*; e a desaceleração da demanda doméstica no primeiro trimestre de 2009. O IPCA demonstra, em 2009, um recuo lento e persistente dos preços ao consumidor, devido à resiliência do setor de serviços da economia.¹³ O IPCA acumulado em 12 meses variou +4,3% em setembro, +4,2% em outubro e se encontra abaixo do centro da meta de inflação traçada pelo COPOM (+4,5% no ano) (Tabela 2).

Os índices de preços implícitos do varejo, tanto nacional quanto estadual, acompanharam essa tendência de redução da inflação apresentando no terceiro trimestre de 2009, variações inferiores ao segundo trimestre. O índice de preço do varejo do Espírito Santo registrou queda de -0,23% no terceiro trimestre, primeiro valor negativo na série histórica desde 2006. De acordo com a variação em 12 meses, até setembro, os preços do comércio varejista estadual avançaram +4,2%, valor superior ao resultado nacional que foi de +3,0%, na mesma comparação (Gráfico 2).

O gasto mensal com a cesta básica em 2009 vem registrando, na maioria das capitais do Brasil, um arrefecimento dos preços que resulta em variação negativa no ano. A cidade de Vitória também seguiu essa tendência e acumulou variação de -0,67% até setembro. Apesar disso, a variação acumulada em 12 meses da capital (+10,2%) é a terceira maior do país (Tabela 1). Entre o terceiro trimestre de 2008 e o primeiro trimestre de 2009, o gasto médio com a cesta básica em Vitória teve um aumento significativo, fazendo com que a cidade passasse da posição de mais barata para a de segunda mais cara entre as capitais da região Sudeste (R\$ 224,1), atrás apenas de São Paulo (R\$ 227,6) (Gráfico 3).

De forma semelhante ao comportamento dos índices de preços do varejo, os índices que acompanham a evolução do custo médio da construção civil no país crescem em 2009, porém com variações inferiores às registradas em 2008. No terceiro trimestre de 2009, a variação do índice trimestral para o custo médio da construção no Espírito Santo foi +1,8%, valor inferior ao do mesmo período de 2008 (+4,4%) (Gráfico 4). O mesmo se observa para a variação acumulada em 12 meses do índice que, em setembro de 2009, foi +8,2% e, no mesmo período do ano anterior, foi +11,6% (Tabela 2). O Índice Nacional do Custo da Construção (INCC) registrou neste ano variações positivas, porém pequenas, como a variação em outubro (+0,1%), também menor do que a registrada em setembro (+0,2%).

¹³ O Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) ainda não é calculado para o Espírito Santo. O IJSN utiliza o Índice de Preço Implícito do Comércio Varejista como proxy dos preços ao consumidor. Este índice é calculado com base na razão entre o índice de receita nominal e o volume de vendas da Pesquisa Mensal do Comércio (PMC), realizada pelo IBGE. Mesmo sendo uma opção, o índice não incorpora preços no setor de serviços, variável que corresponde a cerca de metade do peso na composição do IPCA.

Tabela 1 - Variação (%) do Preço Médio da Cesta Básica

Produto	Peso	Variação (%) Acumulada no ano	Variação (%) Acumulada em 12 meses
Cesta Básica - Brasil	-	-6,7	1,3
Cesta básica - Vitória	100	-0,67	10,2
Carne	31,6	-11,4	6
Leite	7,9	45,1	40,8
Batata	5,4	56,9	65,9
Tomate	10,8	16,3	61,3
Pão	19,4	5,5	8,2
Banana	5,4	7,9	4,5
Manteiga	5,1	-9,8	13,4

Fonte: DIEESE.

Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Tabela 2 - Variação (%) dos Índices de Preços

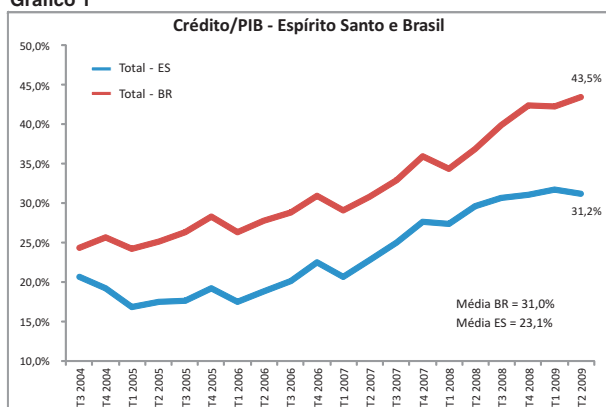
Índices de Preços	Variação (%) trimestral	Variação (%) Acumulada no ano	Variação (%) Acumulada em 12 meses
Custo Médio da Construção Civil	1,8	6,1	8,2
INCC - Brasil	1,2	2,8	4,3
IPV-ES	-0,23	1,1	4,2
IPV-BR	0,08	1,7	3,0
IPCA - BR	0,82	3,2	4,3

Fonte: IBGE - DIEESE.

Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

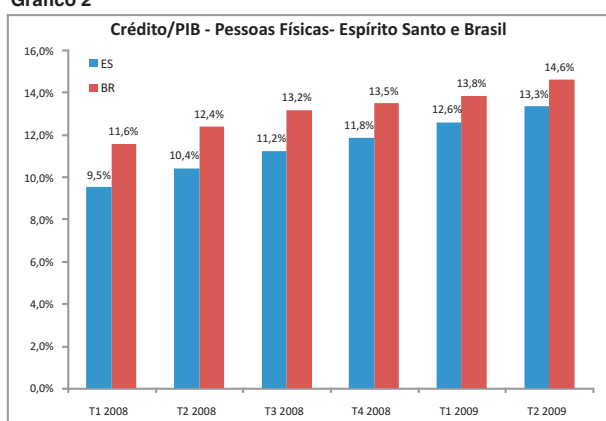
POLÍTICA MONETÁRIA E CREDITÍCIA

Gráfico 1



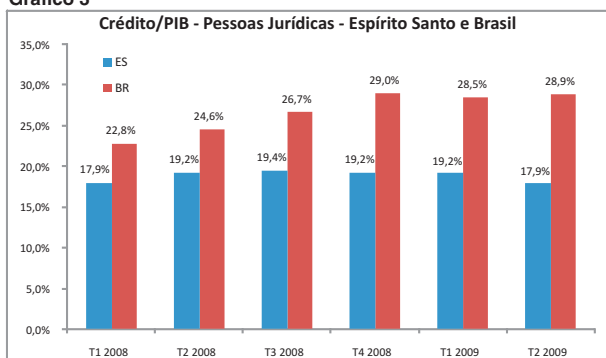
Fonte: BCB - IJSN.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 2



Fonte: BCB - IJSN.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 3



Fonte: BCB - IJSN.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

As perspectivas traçadas ao final de setembro pelo Comitê de Política Monetária (COPOM) apontam para continuidade da melhora dos principais indicadores macroeconômicos do País. A recuperação da atividade econômica e da demanda doméstica em decorrência das políticas monetária e fiscal expansionistas, concomitante a uma redução do grau de aversão ao risco dos agentes econômicos, em especial no exterior, sustentam essa visão positiva. As expectativas de inflação mantêm-se ancoradas e as projeções indicam convergência para a meta traçada inicialmente, configurando um ambiente relativamente otimista no curto prazo. Não obstante, as altas dos preços das *commodities*, ocorridas desde o início do ano, combinadas com uma demanda em forte expansão, ainda podem exercer pressões altistas sobre os preços no atacado, sendo eventualmente repassadas aos consumidores finais. Em função disso, o Comitê adotou uma postura mais cautelosa nesta ocasião, mantendo a taxa básica de juros (SELIC) em 8,75% ao ano (a.a.).

A relação "crédito/PIB"¹⁴ (razão entre as operações totais de crédito e o PIB nominal) mostra valores para o caso brasileiro bem superior aos valores estaduais – uma diferença de 8 pontos percentuais (p.p.), em média, entre 2004 e 2009. Especificamente, as quedas observadas no PIB estadual, do quarto trimestre de 2008 ao segundo trimestre de 2009, contribuíram para a redução da demanda por crédito, o que, conseqüentemente, afeta negativamente a relação crédito/PIB no Espírito Santo (Gráfico 1).

As operações de crédito totais realizadas no Espírito Santo registraram volume de R\$ 19,58 bilhões em julho de 2009, o equivalente a uma variação de +0,9% em relação às operações ocorridas ao final do segundo trimestre de 2009. Esse resultado foi alavancado principalmente pelo aumento do crédito concedido às pessoas físicas que, em função dos incentivos governamentais aos setores de bens duráveis, cresceu +5,9% entre o primeiro e o segundo trimestres do ano e +2,6% do final do segundo trimestre a julho de 2009 (Tabela 1). Com esse aumento, a parcela do crédito concedido a pessoas físicas passou de 12,6% no 1º trimestre para 13,3% do PIB estadual no segundo. Contudo, a magnitude da relação crédito/PIB do Espírito Santo ainda se encontra abaixo daquela reportada para o País (Gráfico 2).

O montante das operações de crédito para pessoas jurídicas no Espírito Santo contraiu -6,6%, em relação ao primeiro trimestre do ano e -0,4%, na comparação do mês de julho em relação ao segundo trimestre do ano (Tabela 1). Isto contribuiu para a diminuição da razão crédito/PIB que, no segundo trimestre de 2009, alcançou a marca de 17,9% do PIB estadual, a mesma registrada no primeiro trimestre do ano de 2008. Comparativamente ao caso nacional, o Estado ainda se encontra muito abaixo do País, apontando para uma diferença de 11 p.p. no segundo trimestre de 2009 (Gráfico 3). A diferença pode sinalizar que as empresas locais tenham, por prática, a tomada de crédito em outras praças.

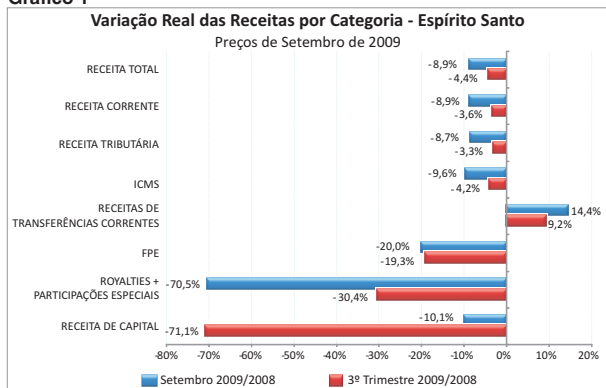
Tabela 1 - Operações de Crédito - Espírito Santo - R\$ bilhões

Categorias	T1 2009	T2 2009	jul/09	Variação (%) T2/T1	Variação (%) jul/T2
Pessoa Física	7,82	8,29	8,50	↑ 5,9%	↑ 2,6%
Pessoa Jurídica	11,91	11,12	11,08	↓ -6,6%	↓ -0,4%
Total	19,73	19,41	19,58	↓ -1,7%	↑ 0,9%

Fonte: Banco Central do Brasil.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

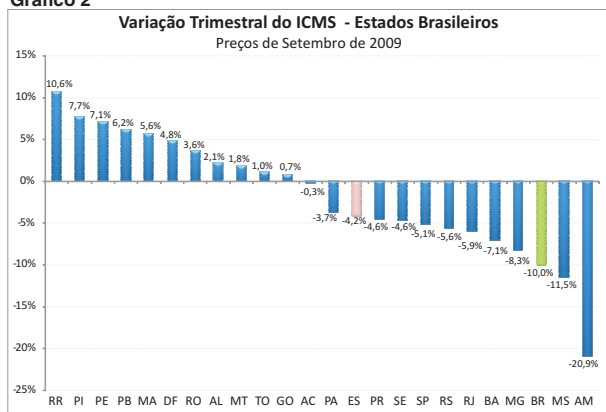
¹⁴ A divulgação mais recente do Banco Central do Brasil refere-se a julho de 2009.

Gráfico 1



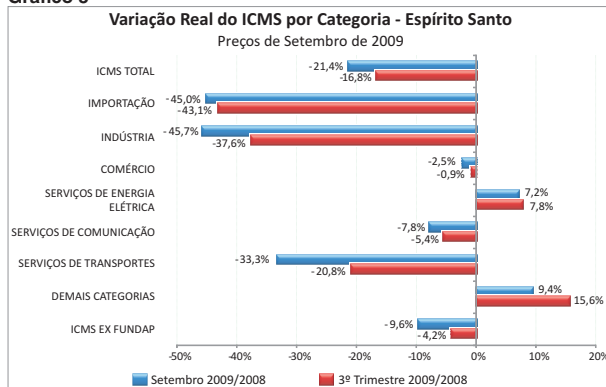
Fonte: Balançete Geral do Estado e SEFAZ-ES.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 2



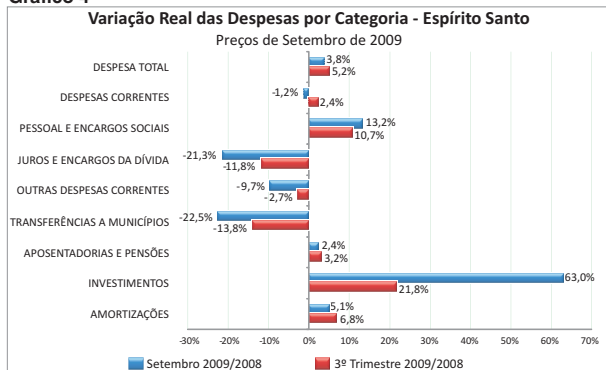
Fonte: COTEP/Ministério da Fazenda.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 3



Fonte: Balançete Geral do Estado.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 4



Fonte: Balançete Geral do Estado.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

A economia do Espírito Santo ainda percebe os impactos negativos da crise econômica sobre as receitas públicas (Gráfico 1). A receita total¹⁵ apresentou decréscimo de -8,9% no terceiro trimestre de 2009, após uma forte recuperação no segundo trimestre de +16%, proveniente do crescimento das receitas de transferências correntes, principalmente do Fundo de Compensação pela Exportação de Produtos Industrializados (FEX), quitação de débitos relativos ao Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) e do Imposto sobre a Propriedade de Veículos Automotores (IPVA). Devido à transitoriedade destas receitas, o resultado do terceiro trimestre foi negativo, conforme mencionado. Observa-se também a desaceleração da arrecadação do principal tributo da Fazenda Estadual, o ICMS, cuja variação foi negativa (-4,2%). Sendo assim, as principais receitas públicas apresentaram variações reais negativas no período, à exceção das receitas de transferências correntes. Os principais componentes desta categoria de receita, Fundo de Participação dos Estados (FPE) e os *Royalties* e Participações Especiais, recuaram, respectivamente, -19,3% e -30,5%. Por outro lado, o crescimento de outras receitas oriundas de transferências, entre elas, os convênios entre o governo estadual e a União, compensou essa queda (Tabela 1).

A arrecadação do ICMS foi expressivamente afetada de forma negativa em alguns estados brasileiros (Gráfico 2), especialmente naqueles cujo peso no agregado da arrecadação do tributo no Brasil é significativo: São Paulo (-5,1%); Rio Grande do Sul (-5,6%); Rio de Janeiro (-5,9%); Bahia (-7,1%) e Minas Gerais (-8,3%). A queda da arrecadação destes estados e de outros fez com que a arrecadação do tributo recuasse -10% no Brasil. Comparativamente aos estados citados, a queda verificada na receita do ICMS do Espírito Santo foi menor, -4,2%.

Notadamente, atividades relevantes para a arrecadação do ICMS (Gráfico 3) apresentaram resultados negativos, a saber, o ICMS – Importação (-43,1%); o ICMS – Indústria (-37,6%) e o ICMS – Comércio (-0,9%). Esse desempenho, a despeito de sinais evidentes de recuperação da economia, ainda é explicado em alguma medida pelos efeitos defasados da crise sobre a atividade econômica do Estado. A acentuada diminuição da arrecadação do ICMS – Importação está relacionada à queda da atividade importadora no contexto da crise e à mudança da tributação “por conta e ordem de terceiros” com o estado de São Paulo. Isso pode significar que, passados os efeitos da crise, a arrecadação do ICMS – Importação dificilmente retornará aos níveis prévios.

Por fim, foi verificado um tímido crescimento dos dispêndios públicos (Gráfico 4). As despesas correntes no terceiro trimestre de 2009 cresceram +2,4%, ao passo que as despesas de capital cresceram +26% no mesmo período. Na margem, as despesas correntes apresentaram queda (-1,2%) e, simultaneamente, os investimentos públicos cresceram +63%, indicativo da política de controle dos gastos correntes e de aumento dos investimentos da administração pública estadual.

¹⁵ As considerações a seguir estão baseadas em variações reais (IPCA), tanto das receitas quanto das despesas, em relação a período equivalente do ano anterior. Particularmente, em relação às receitas, estas se encontram deduzidas dos efeitos do FUNDAP e FUNDEB, procedimento este também realizado em relação às despesas, no que se refere aos financiamentos FUNDAP (investimentos financeiros).

Tabela 1 - Receitas e Despesas - Espírito Santo

RECEITAS ESTADUAIS	jul/08	ago/08	set/08	jul/09	ago/09	set/09	Setembro 2009/2008	3º Trimestre 2009/2008
RECEITA TOTAL (I)=(II)+(III)+(IV)-(V)	928.096	996.257	966.272	880.025	865.452	810.972	-16,1%	-11,6%
RECEITAS CORRENTES (II)	899.651	978.155	949.483	878.666	847.493	795.899	-16,2%	-10,8%
RECEITA TRIBUTÁRIA	646.916	678.772	709.240	589.101	572.929	570.055	-19,6%	-14,9%
ICMS	573.322	616.854	640.746	515.994	504.595	503.340	-21,4%	-16,8%
IPVA	14.985	9.709	8.929	15.596	10.968	9.867	10,5%	8,4%
IRRF	26.010	20.921	26.318	24.492	25.199	23.250	-11,7%	-0,4%
DEMAIS TRIBUTOS	32.599	31.288	33.247	33.019	32.166	33.599	1,1%	1,7%
RECEITAS DE TRANSF. CORRENTES	151.307	200.992	144.319	150.222	219.465	160.271	11,1%	6,7%
FPE	52.260	63.498	55.763	44.373	51.497	45.517	-18,4%	-17,6%
ROYALTIES + PARTICIPAÇÕES ESPECIAIS	10.958	67.897	12.401	5.529	54.301	3.653	-70,5%	-30,4%
DEMAIS TRANSFERÊNCIAS CORRENTES	88.089	69.597	76.154	100.320	113.667	111.101	45,9%	39,0%
OUTRAS RECEITAS CORRENTES	101.428	98.391	95.924	139.344	55.100	65.573	-31,6%	-12,1%
RECEITAS DE CAPITAL (III)	31.432	22.467	24.357	9.305	9.676	11.956	-50,9%	-60,5%
OPERAÇÕES DE CRÉDITO	9.643	4.156	5.309	267	835	4.935	-7,1%	-68,4%
DEMAIS RECEITAS DE CAPITAL	21.790	18.312	19.048	9.038	8.842	7.022	-63,1%	-57,9%
RECEITAS INTRA-ORÇAMENTÁRIAS (IV)	71.639	71.924	71.608	80.238	83.363	77.934	8,8%	12,3%
DEDUÇÕES DA RECEITA CORRENTE (V)	74.627	76.289	79.176	88.184	75.080	74.817	-5,5%	3,5%
RECEITA TOTAL	675.577	729.819	683.895	702.702	671.802	623.126	-8,9%	-4,4%
RECEITA CORRENTE ¹	661.368	725.652	678.207	701.698	670.960	618.012	-8,9%	-3,6%
RECEITA TRIBUTÁRIA ²	463.918	483.356	495.451	485.200	457.542	452.525	-8,7%	-3,3%
ICMS ²	390.324	421.437	426.957	412.094	389.208	385.810	-9,6%	-4,2%
RECEITAS DE TRANSFERÊNCIAS CORRENTES ³	138.575	186.175	130.954	140.098	207.820	149.776	14,4%	9,2%
FPE ³	42.681	51.859	45.542	35.498	41.197	36.414	-20,0%	-19,3%
ROYALTIES + PARTICIPAÇÕES ESPECIAIS	10.958	67.897	12.401	5.529	54.301	3.653	-70,5%	-30,4%
RECEITA DE CAPITAL ⁴	14.209	4.167	5.688	1.003	841	5.114	-10,1%	-71,1%
DESPESAS ESTADUAIS								
DESPESA TOTAL ⁵	777.799	709.997	731.248	805.107	769.905	758.814	3,77%	5,17%
DESPESAS CORRENTES	662.931	641.949	656.591	698.766	661.874	648.672	-1,21%	2,44%
PESSOAL E ENCARGOS SOCIAIS	269.525	255.946	250.299	284.089	291.409	283.416	13,23%	10,72%
JUROS E ENCARGOS DA DÍVIDA	12.325	11.733	14.484	11.375	11.227	11.394	-21,34%	-11,79%
OUTRAS DESPESAS CORRENTES	381.081	374.271	391.808	403.302	359.238	353.862	-9,68%	-2,68%
TRANSFERÊNCIAS A MUNICÍPIOS	172.084	170.818	181.323	170.438	140.765	140.443	-22,55%	-13,85%
APOSENTADORIAS E PENSÕES	87.593	85.999	86.489	90.544	89.291	88.551	2,38%	3,19%
DEMAIS DESPESAS CORRENTES	121.404	117.454	123.995	142.320	129.182	124.869	0,70%	9,24%
DESPESAS DE CAPITAL ⁵	114.868	68.048	74.658	106.341	108.032	110.142	47,53%	25,99%
INVESTIMENTOS ⁵	99.251	50.385	47.184	89.499	73.303	76.901	62,98%	21,79%
AMORTIZAÇÕES	15.617	17.663	27.473	16.842	19.172	28.861	5,05%	6,79%

Fonte: Balancete Geral do Estado – SEFAZ-ES.

Elaboração: Coordenação de Estudos Econômicos.

¹ Receita deduzida dos efeitos do FUNDAP e FUNDEB.

² Receita deduzida dos efeitos do FUNDAP.

³ Receita deduzida dos efeitos do FUNDEB.

⁴ Receita deduzida dos efeitos dos leilões FUNDAP.

⁵ Despesa líquida dos efeitos das inversões financeiras devido aos financiamentos FUNDAP.

EXPECTATIVAS

Gráfico 1

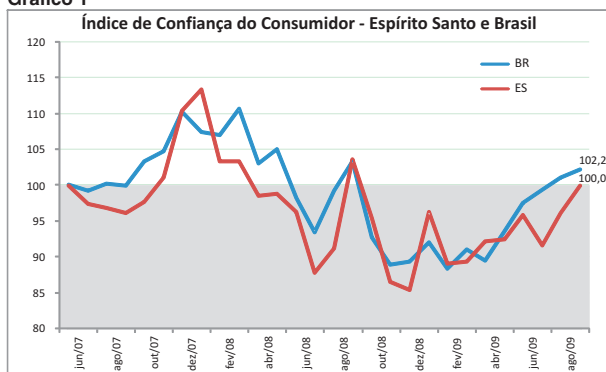


Gráfico 2

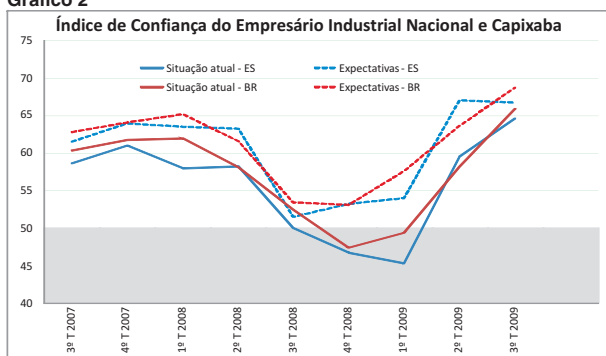


Gráfico 3

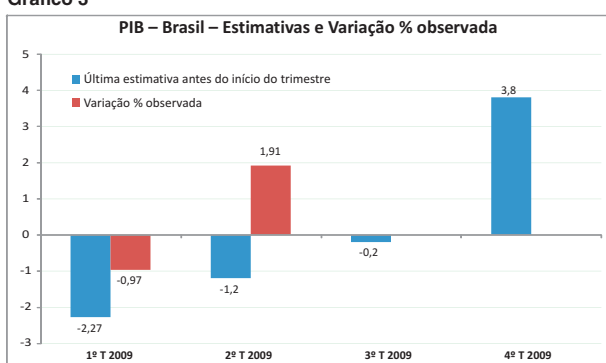
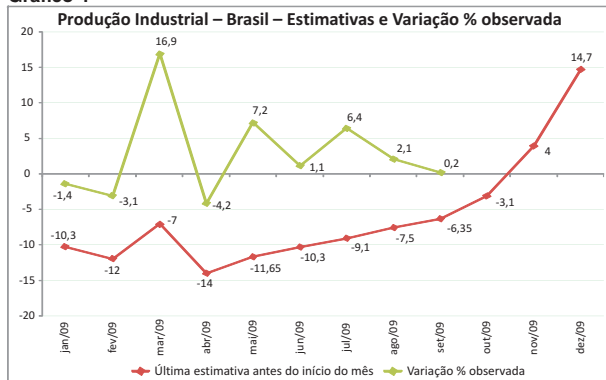


Gráfico 4



A recuperação da economia vem se refletindo nos índices de confiança do consumidor (ICC) e do empresário (ICE), tanto para o Brasil como para o Espírito Santo. O ICC, que se mantinha em patamares relativamente baixos desde os últimos meses do ano, passado o agravamento da crise, começou a sair da chamada “zona de pessimismo” (Gráfico 1, área cinza) no 3º trimestre de 2009. A recuperação da confiança, na verdade, já vinha ocorrendo desde o segundo trimestre, embora no caso dos consumidores do Espírito Santo, o movimento tenha sido um pouco mais volátil do que para o Brasil, onde esse aumento é contínuo.

Já os índices que medem a confiança dos empresários, tanto em nível nacional quanto estadual, apresentam recuperação mais consistente e registram altas consecutivas desde o 1º trimestre desse ano. Além disso, o componente do índice de confiança associado às expectativas futuras dos empresários como um todo apresenta resultados ainda melhores (Gráfico 2).

De acordo com estimativas iniciais do relatório *Focus* do Banco Central divulgadas desde o mês de março, o PIB brasileiro só voltaria a crescer no último trimestre de 2009. Entretanto, o resultado observado para o 2º trimestre desse ano, em relação ao trimestre imediatamente anterior, mostra que o desempenho da economia tem sido melhor que o esperado, já que a variação observada para o PIB ficou acima da última estimativa divulgada antes do período em questão (Gráfico 3). O mesmo ocorre para as taxas de crescimento da produção industrial, que apesar do recuo registrado entre julho e setembro, ainda são maiores que aquelas divulgadas pelo relatório (Gráfico 4).

No caso do contexto internacional, apesar do FMI ter revisado para cima a maioria de suas projeções, este órgão ainda espera que a economia mundial tenha uma retração de 1,1% em 2009, com o crescimento voltando para 3,1%, em 2010. A estimativa de crescimento para o Brasil, por exemplo, passou de -1,3% em julho para -0,7% na divulgação mais recente do documento *World Economic Outlook*. A previsão para o crescimento mundial neste ano foi puxada para baixo pelos países mais desenvolvidos, que apresentaram estimativas desfavoráveis. Por outro lado, o destaque ainda fica por conta da China, com desempenho esperado de +8,5% de crescimento, em 2009 (Gráfico 5).

Gráfico 5

